

Luciano Victor Barros Maluly

**O FUTEBOL-ARTE DE TELÊ SANTANA
NO
JORNALISMO ESPORTIVO DE ARMANDO NOGUEIRA**

Orientador: **Prof. Dr. José Marques de Melo**

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

São Bernardo do Campo, março de 1998

Luciano Victor Barros Maluly

**O FUTEBOL-ARTE DE TELÊ SANTANA
NO
JORNALISMO ESPORTIVO DE ARMANDO NOGUEIRA**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: **Prof. Dr. José Marques de Melo**

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

São Bernardo do Campo, março de 1998

RESUMO

Esta dissertação demonstra os fundamentos do jornalismo esportivo e do futebol brasileiro como forma de compreensão do trabalho de Armando Nogueira (no jornalismo) e de Telê Santana (no futebol). A pesquisa enfatizou o ano de 1993, em consequência de dois acontecimentos que marcaram o cenário esportivo no Brasil - a participação do Selecionado Nacional na disputa das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos da América, e a conquista do Bicampeonato Mundial Interclubes pela equipe do São Paulo Futebol Clube, no Japão. A composição teórica caracterizou o futebol como espetáculo da cultura popular e de massa no Brasil, denominando o jogo de *Futebol-arte*. No período estudado, a Seleção Nacional desrespeitou a tradição do futebol brasileiro, introduzindo um estilo de jogo oposto ao *Futebol-arte*, o chamado *Futebol-força* ou futebol de resultados. Analisou-se a produção de Armando Nogueira publicada no jornal “*O Estado de S. Paulo*” e a relação do jornalismo com o futebol no Brasil. Neste contexto, a imagem do treinador Telê Santana representava o *Futebol-arte* no universo esportivo.

ABSTRACT

This dissertation demonstrates the basis of sporting journalism and Brazilian soccer as a way to understand the work of Armando Nogueira (in journalism) and Telê Santana (in soccer). The research emphasized the year of 1993, because of two events that marked the scenery of sports in Brazil - the participation of the Brazilian Team in the 1994 World Cup Eliminatories, in the United States of America, and the victory in the Interclub World Cup Champions by São Paulo's team for the second time, in Japan. The theoretical composition characterized soccer as a spectacle of popular culture and mass in Brazil, calling it *Art Soccer*. At this time, the National Team disrespected the Brazilian soccer traditional inserting a style of game opposite to the *Art Soccer*, called the *Strength Soccer* or soccer of results. Analysed the production of Armando Nogueira published in "*O Estado de S. Paulo*" newspaper and the relationship between sporting journalism and the soccer in Brazil. In this context, the image of Telê Santana represented the *Art Soccer* in the sporting universe.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	06
Justificativa	10
Teoria	14
Hipótese	20
Objetivos	20
Metodologia	20
CAPÍTULO 1 – Jornalismo Esportivo	23
1.1. Panorama Brasileiro	23
1.2. Jornalistas Esportivos	30
CAPÍTULO 2 – Futebol-Arte	36
2.1. A Arte e a Força	36
2.2. Futebol-arte	37
2.3. Futebol-força	40
2.4. O Futebol Brasileiro de 1982 a 1994	41
CAPÍTULO 3 – O Jornalismo Esportivo de Armando Nogueira	46
3.1. Perfil Biográfico	46
3.2. Gêneros Jornalísticos	51
3.3. Principais Temas	53
CAPÍTULO 4 – Telê Santana e o Futebol-Arte	65
4.1. Perfil Biográfico	65
4.2. O Símbolo do Futebol-arte	77
CAPÍTULO 5 – A Imagem de Telê Santana e do Futebol-Arte no Jornalismo Esportivo de Armando Nogueira	80
5.1. A Imagem construída por Armando Nogueira	80
4.2. A Imagem construída por outros Jornalistas Esportivos	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
BIBLIOGRAFIA	101

INTRODUÇÃO

No ano 2000, o jornalista Armando Nogueira¹ completaria cinquenta anos de profissão. Desde o início, em 1950, a paixão pelo esporte, principalmente o futebol, o conduziu ao jornalismo esportivo. No conjunto de sua obra destacam-se sete livros, todos sobre futebol, incluindo o “*Vôo das Gazelas*” - que também homenageia as jogadoras da seleção brasileira de basquete feminino, campeãs mundiais em 1994. O trabalho na imprensa esportiva ganhou notoriedade pela coluna intitulada “*Na Grande Área*”, publicada regularmente por mais de 50 jornais diários, incluindo o “*O Estado de S. Paulo*” e “*Jornal do Brasil*”.

As obras de Armando no jornalismo serviram de base para alguns estudos acadêmicos, incluindo o do professor de literatura, Ivan Cavalcanti Proença², sobre os principais cronistas esportivos do país. Ao observar a importância de sua obra, o Ministério da Educação e Cultura resolveu utilizar suas publicações como referencial didático no ensino da Língua Portuguesa³.

A televisão transformou a vida de Armando Nogueira. Por vinte e cinco anos, ocupou o cargo mais alto no jornalismo brasileiro ao comandar a *Central Globo de Jornalismo*. Sua despedida, em vinte e sete de março de 1990, aconteceu por meio de um simples comunicado enviado pela direção da emissora.

O esporte conduziu Armando de volta à televisão. Seus comentários ainda podem ser vistos no programa “*Apito Final*” da *Rede Bandeirantes de Televisão* e no programa “*Esporte Real*”, da rede de canal por assinatura SportTV, em que também é apresentador.

Desde 1990, a coluna “*Na Grande Área*” é publicada no Caderno de Esportes do jornal “*O Estado de S. Paulo*”, sendo que, atualmente, é exibida todas às quartas-feiras e

¹ Dados recolhidos na empresa *Xapuri - Serviço de Comunicação Ltda* de propriedade de Armando Nogueira. Rio de Janeiro, 1997.

² PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

³ NOGUEIRA, Armando e outros. **O Melhor da Crônica Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

domingos. Os mais variados temas esportivos são analisados pelo autor. De todas as modalidades esportivas, o futebol obtém um espaço privilegiado, talvez pela própria dimensão que este esporte possui no Brasil. Fatos ocorridos fora do esporte também são analisados, desde que mereçam uma atenção especial.

Durante o ano de 1993, Armando Nogueira se deparou com dois acontecimentos que iriam marcar o cenário esportivo no Brasil - a participação do selecionado nacional na disputa das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos da América, e a conquista do Bicampeonato Mundial Interclubes pela equipe do São Paulo Futebol Clube, em Tóquio, no Japão.

A Seleção brasileira de futebol mostrava um estilo de jogo voltado ao *Futebol-força*, em que se privilegiava a marcação e o vigor físico dos atletas, sem que a criatividade do jogador fosse observada. O time nacional procurava manter o resultado a qualquer custo, com faltas e pouca ofensividade, negando ao público a condição de assistir um espetáculo de futebol, representado principalmente por gols e jogadas individuais e coletivas.

O São Paulo Futebol Clube apresentava um estilo relacionado ao *Futebol-arte*, em que o time buscava realçar o espetáculo a todo instante, explorando a técnica do jogador e do conjunto, mostrando um jogo cheio de gols e com poucas faltas.

Armando Nogueira analisou os fatos, que foram realçados por um *tema-eixo* baseado na relação entre o *Futebol-arte* e o *Futebol-força* no Brasil, ou seja, pela exaltação do jogo como espetáculo. Neste contexto, se a equipe do São Paulo praticava o *Futebol-arte* (espetáculo), então por que a seleção brasileira praticava o *Futebol-força* (resultado)?:

1º) O time do São Paulo respeitava a tradição brasileira do *Futebol-arte*, ao contrário da seleção brasileira;

2º) A estrutura do São Paulo Futebol Clube permitiu implantar junto à equipe um estilo voltado ao *Futebol-arte*, valorizando assim o espetáculo.

Já a falta de planejamento dos dirigentes e da comissão técnica proporcionou um desequilíbrio na seleção nacional. A pressão para a obtenção do resultado ocasionou a implantação do *Futebol-força*;

3º) A equipe do São Paulo explorava a técnica do jogador e combatia o jogo violento, ao passo que a seleção brasileira praticava o *antijogo* pela necessidade do resultado.

Sendo assim, o trabalho de Armando Nogueira se posiciona por meio de algumas premissas básicas que auxiliam na compreensão do tema eixo *Futebol-arte / Futebol-força*⁴:

a) O futebol brasileiro é fundamentado pela doutrina do *Futebol-arte*, tendo o jogo como espetáculo, conduzido pela individualidade e habilidade de seus jogadores, e não pelo *Futebol-força*, jogo baseado apenas no resultado final da partida, sendo que o atleta talentoso cede lugar ao outro que dispõe somente de vigor físico e tem maior potencial para segurar o placar. No Brasil, o *Futebol-força* tem sido confundido com um futebol que prima pela violência, por causa da crescente tendência pela busca de resultados.

b) A cobrança pelo resultado auxilia o *Futebol-força* e descaracteriza o *Futebol-arte*. O *Futebol-força* adquiriu espaço no país pela crescente valorização da busca de resultados, influenciada pelos altos investimentos de empresas patrocinadoras e mesmo de empresários, além de dirigentes interessados muito mais no mercado de jogadores que na valorização do futebol como espetáculo popular e de massa. Numa seleção ou clube, o resultado é consequência de um trabalho planejado e profissional. A organização do jogo como espetáculo permite aos jogadores e à comissão técnica a plena liberdade para exercerem suas profissões.

c) A violência descontrolada auxilia apenas o atleta sem qualidades técnicas, inibindo assim o jogador talentoso. O jogo acaba sendo conduzido pela equipe faltosa, que utiliza o vigor físico para a violência. No *Futebol-arte*, o respeito ao adversário e a técnica dos jogadores permitem um contato físico não violento, porque a habilidade se sobressai diante das faltas. No *Futebol-força*, o contato físico torna-se grotesco, pois os atletas tentam se impor pelo vigor corporal. Não há respeito pelo adversário, em razão da necessidade de um resultado favorável.

No mesmo período, as idéias do treinador do São Paulo Futebol Clube, Telê Santana, começaram a influenciar o futebol brasileiro. Dentro de campo, o técnico implantou um estilo de jogo centrado na qualidade técnica de seus jogadores. Desta forma, a equipe tricolor objetivava o conjunto, centrando o jogo no ataque.

Fora de campo, Telê investia contra a arbitragem por causa da cumplicidade com a violência, e contra os dirigentes, que prejudicavam o espetáculo em virtude da ausência de planejamento e profissionalismo.

*“O Telê hoje se inscreve, não só como principal personagem desse período, quer dizer, ele é o maior técnico da história do Brasil, na prática e na teoria. Ele é um dos maiores personagens da história do futebol brasileiro em todos os tempos, como jogador e como técnico”.*⁵

A relação entre as matérias publicadas por Armando Nogueira e as idéias de Telê Santana fizeram desta dissertação um momento de aproximação entre o jornalismo esportivo e o futebol no Brasil. Por causa de uma doutrina - o *Futebol-arte* - o jornalismo esportivo estava diante de um dilema - *a salvação do próprio futebol*. Neste contexto, esta pesquisa procura mostrar os fundamentos do jornalismo esportivo e do futebol brasileiro

⁴Ver HELAL,Ronaldo. **Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁵ Entrevista Alberto Helena Júnior. São Paulo. 1997.

como forma de compreensão do trabalho de Armando Nogueira no jornalismo e de Telê Santana no futebol.

Justificativa

*“Vários observadores (Guttmann, 1978; Milan, 1989 e Goldgrub, 1990) argumentam também que a obsessão pela quantificação, especialização e imposição de táticas rígidas tende a reduzir o nível do prazer - elementos lúdicos - tanto para os atletas quanto para os torcedores. No entanto, o futebol brasileiro é conhecido por ser o pólo oposto da rigidez e formalidade deste processo - o celebrado ‘Futebol-arte’. No Brasil, por razões culturais, a resistência a este processo tem sido uma constante e é merecedora de uma análise mais cuidadosa sobre a relação entre modernidade e cultura popular”.*⁶

O jornalismo esportivo, segundo Juarez Bahia⁷, tornou-se, na era moderna, a forma de maior expressão do jornalismo especializado. A maioria dos grandes jornais brasileiros dedica um caderno ou, pelo menos, algumas páginas ao jornalismo esportivo, tendo normalmente o futebol como tema principal.

A análise dos fatos no jornalismo esportivo brasileiro nem sempre são realizadas por um profissional especializado e, assim, basta apenas gostar de esportes. As reflexões de profissionais de outras áreas dimensionam a importância do futebol no Brasil, caso de Marcelo Fromer e Nando Reis do grupo de rock “Titãs”, do historiador Matthew Shirts e do professor de literatura brasileira, José Miguel Wisnik, entre outros.

O profissional do jornalismo que se dedica, exclusivamente, à área esportiva necessita de um conhecimento aprofundado sobre esportes e técnicas jornalísticas. No

⁶ HELAL, Ronaldo. Op.cit., p 39.

⁷ BAHIA, Juarez. **Jornal: História e Técnica**. 3ª ed. São Paulo: IBRASA, 1972. p.224.

jornalismo esportivo brasileiro, o conjunto da obra de Armando Nogueira é uma referência para estudantes, docentes e profissionais da área, devido ao estilo inconfundível do autor.

O trabalho de Armando Nogueira no jornalismo esportivo tem no futebol seu tema principal, apesar de mostrar uma preocupação constante com outras modalidades esportivas como o basquete, o vôlei, o tênis, o automobilismo, entre outros.

O ano de 1993 foi uma época especial para Armando Nogueira. A problemática do estilo de jogo implantado no futebol brasileiro, caso do *Futebol-arte* no São Paulo Futebol Clube e o *Futebol-força* na seleção brasileira, influenciou o jornalista, que fundamentou suas matérias em alguns fatos ocorridos no futebol brasileiro - a participação do selecionado nacional na disputa das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos da América, e a conquista do Bicampeonato Mundial Interclubes pela equipe do São Paulo Futebol Clube⁸.

Um pouco antes, em 1992, o futebol brasileiro viveu, segundo a imprensa estrangeira⁹, o ano mais brilhante de sua história, desde que Pelé deixou o futebol. A seleção brasileira havia recuperado o prestígio internacional após derrotar adversários tradicionais como a Alemanha e a França, além da equipe do Milan, da Itália. O time comandado por Carlos Alberto Parreira e Mário Jorge Lobo Zagalo mostrava um futebol eficiente, de conjunto e cheio de craques.

A equipe do São Paulo Futebol Clube encantava o mundo com seu futebol brilhante e audacioso. A conquista da Taça Libertadores da América e do Mundial Interclubes, além das goleadas sobre o Real Madrid por quatro a zero (4 x 0) e o Barcelona por quatro a um (4 x 1), em torneios realizados na Espanha, mostrava a superioridade da equipe brasileira diante dos seus adversários.

⁸ Ver UJS (Unidades Jornalísticas) em Anexo - UJ85 e UJ101.

⁹ REALI, Júnior. **Futebol brasileiro volta a ser respeitado na Europa**. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo: 05 de Janeiro de 1993.

Na época, analistas europeus consideraram o treinador do São Paulo, Telê Santana, como um dos principais responsáveis pela recuperação do futebol brasileiro, que voltou a jogar o futebol mais bonito do mundo.

*“Telê é o treinador brasileiro mais importante e suas idéias se impõem cada vez mais, mesmo não sendo mais o técnico da seleção. Para a imprensa francesa, o público foi quem mais ganhou - “um espetáculo exemplar pela delicadeza e habilidade de seus autores, além de uma alegria contagiante”.*¹⁰

As eliminatórias para as Copas do Mundo sempre foram difíceis para a seleção brasileira de futebol. A pressão sobre a comissão técnica e os jogadores é uma constante, por causa da tradição do Brasil em Copas do Mundo. O país é o único a participar de todas as Copas do Mundo e o primeiro a ganhar três vezes o título de campeão mundial de futebol. A inédita conquista garantiu a posse, em definitivo, da Taça Jules Rimet.

O Brasil havia caído no grupo de Uruguai, Bolívia, Equador e Venezuela. Dos cinco, somente duas seleções se classificariam para a Copa. O único adversário temeroso era o tradicional Uruguai, bicampeão mundial, e que havia causado a maior catástrofe do futebol nacional, ao derrotar a seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã, diante de duzentas mil pessoas.

O futebol apresentado em 1992, baseado no *Futebol-arte*, apontava o Brasil como sendo o favorito absoluto. A seleção seria o espelho do futebol brasileiro, porque o país havia conquistado vitórias internacionais com competência e criatividade, tanto pela seleção, quanto por clubes, como o São Paulo e o Cruzeiro de Belo Horizonte (MG) - campeão da Super Copa da Libertadores da América. Contudo, nada saiu como o esperado.

A desorganização da comissão técnica e dos dirigentes, além do péssimo futebol apresentado nas primeiras partidas da seleção, no empate diante do Equador, zero a zero (0

x 0), e na derrota contra Bolívia, dois a zero (2 x 0), fez com que o treinador da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, modificasse seus conceitos.

Implantou-se na seleção um estilo característico do *Futebol-força*, o jogo de resultados. Toda a tradição do futebol brasileiro seria esquecida, como o tricampeonato mundial de futebol (1958, 1962 e 1970), os campeonatos mundiais do Santos Futebol Clube (1962 e 1963), do São Paulo (1992 e 1993), do Flamengo (1981) e do Grêmio (1983), ou mais, vitórias conquistadas por um futebol ofensivo, envolvente, traduzido em espetáculo ao grande público.

E os resultados vieram, mesmo com a seleção nacional traindo a tradição vitoriosa do futebol brasileiro, traduzida pelo *Futebol-arte*. Poucos meses depois da seleção conquistar uma vaga na Copa do Mundo, o futebol brasileiro disputaria outra competição importante, que era o mundial interclubes de futebol.

O São Paulo Futebol Clube representaria o país novamente, pois havia garantido a vaga ao vencer, pela segunda vez consecutiva, a Taça Libertadores da América. Seguindo a filosofia do *Futebol-arte*, a equipe conquistou o Bicampeonato Mundial Interclubes, vencendo o Milan da Itália por três a dois (3 x 2), em Tóquio. O belo futebol apresentado pela equipe, que valorizando a técnica individual e coletiva, manteve acesa a doutrina de que a vitória pode ser alcançada pelo espetáculo.

O treinador do São Paulo, Telê Santana, exemplificou, naquele momento, a doutrina e a tradição do futebol brasileiro, por conduzir sua equipe pelo *Futebol-arte*. O São Paulo se apresentou como digno representante do futebol brasileiro, ao contrário da seleção nacional que traiu toda uma história de glórias e conquistas.

Armando Nogueira se projetou como um representante da imprensa na defesa do *Futebol-arte*. Seus textos traziam uma visão, às vezes até saudosista do futebol, por lembrar das vitórias brasileiras adquiridas pela habilidade dos jogadores e do conjunto mostrado

¹⁰ Idem.

pelas equipes nacionais. O ano de 1993 trouxe, ao jornalista, a função de valorizar sempre as equipes que praticam ou praticaram o futebol como espetáculo.

“O futebol brasileiro, a mim pouco importa que ganhe ou que perca, o futebol brasileiro tem e está provado que ele pode ganhar jogando bonito como ganhou em 58, como ganhou em 70. Então, a tese de que para ganhar precisa jogar feio, isto é uma tese espúria, estapafúrdia, que a mim não me convence. Eu sou favorável a que se preservem as características do futebol brasileiro porque isto faz parte das impressões digitais da nossa cultura popular “.¹¹

Teoria

a) FUTEBOL

O futebol será retratado no trabalho pela exaltação da doutrina estética do esporte. A base é a arte do jogo, fundamentada pela criatividade do atleta em conjunção com a força e o acaso. Alguns fatores são primordiais para a compreensão do esporte como elemento cultural e de massa da sociedade brasileira contemporânea e, portanto, do jornalismo:

1) *Relação harmonia e força*: Artur da Távola traduz dois elementos como fundamentais para a sobrevivência do esporte.

“A harmonia é o elemento ordenador da força, o que lhe dá inteligência, sensibilidade, intuição, profundidade. Sem harmonia, a força se perde em atividade estéril, podendo até voltar-se contra quem a usa”.¹²

A força é traduzida pela agressividade, luta, coragem. Sozinha, a força se transforma em violência. A harmonia é o pólo ordenador, inteligente e criativo. No esporte,

¹¹ Entrevista com Armando Nogueira. Rio de Janeiro, 1997

¹² TÁVOLA, Artur da. **Comunicação é mito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985. p.273.

a junção entre harmonia e força transforma o jogo em espetáculo. O resultado conquistado somente com a força conduz à batalha e não ao esporte. Aqui, a violência é punida pelas regras do jogo. O ideal do esporte é o espetáculo, sendo força e harmonia, elementos vitais na demonstração da virtude de cada atleta ou time.

*“A luta constante está no cerne do esporte, daí a popularidade de sua representação. Sem força, agressividade, batalha, luta, coragem, denodo e sólidas relações com a força do princípio masculino e a harmonia do princípio feminino, equipe alguma vencerá. Só com força, agressividade não. Precisa-se do elemento ordenador, capaz de modelar o conjunto, de compreender a dinâmica psicológica de cada adversário, de utilizar a força de cada jogador de maneira integrada, arguta e inteligente, vale dizer harmônica”.*¹³

2) *A relação entre o Brasil e o Futebol:* O futebol é patrimônio cultural da sociedade, por ser ele um modo de expressão artística do povo brasileiro. Denominado *Futebol-arte*, o jogo dos brasileiros demonstra um constante equilíbrio entre criatividade e força, conforme conceito de Artur da Távola. A inteligência é a razão do jogo, traduzida pela habilidade e malícia do jogador. Matthew Shirts assim analisa o futebol no Brasil:

*“O futebol bem jogado passa com mais precisão do que qualquer outro gênero cultural o que há de melhor e mais sutil na maneira de ser do brasileiro. Assim se identifica o povo brasileiro com o futebol - pela plástica do jogo, o resultado é mera consequência”*¹⁴

As virtudes da sociedade brasileira são exaltadas pelo futebol, segundo Roberto DaMatta. Assim, o futebol permite uma visão mais positiva e generosa do povo brasileiro, num plano realmente nacional e popular, como nenhum livro, filme, peça teatral, lei ou religião é capaz de permitir.

¹³ Idem, p. 19.

¹⁴ SHIRTS, Matthew. **Gringos da Fiel**. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo: 04 de junho de 1994.

“O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico - entre outros - pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, rebela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir”.¹⁵

3) *Relação dos meios de comunicação com o futebol:* O espetáculo faz parte do cenário emitido pelos meios de comunicação de massa. O jogo é transformado em show, exaltado pela qualidade de cada jogador ou equipe. Dribles, passes, tabelinhas, gols, enfim, lances que caracterizam a habilidade de cada atleta, bem como a demonstração da garra e da vontade, fatores que exibem o potencial (energia, saúde) do indivíduo ou grupo.

“No plano individual de cada jogador, a necessidade de exaltar virtudes individuais (virtude vem de “virtus” que também quer dizer força); coragem; denodo; sentido plástico; harmonia; intuição; capacidade de resistência; necessidade de pertinência nos treinamentos; capacidade de dar energia; dedicação e garra ao próprio país (time); coloca o desporto na universalidade dos problemas simbolizados e o aproxima de uma religião leiga, universal, empática e simbólica que começa a existir graças aos meios de comunicação”.¹⁶

A cobertura do futebol no Brasil é composta por elementos que conduzem ao *Futebol-arte*, pois o jogo passa a ser um espetáculo tanto de cultura popular, como de massa. A expressão artística, quando traduzida por um lance de habilidade, precisa ser exaltada, mesmo quando o jogo é caracterizado como entretenimento. Os meios de comunicação podem preservar o espetáculo do futebol combatendo o *Futebol-força*, a violência e a desorganização no esporte, porque está em jogo não só a preservação da cultura nacional, mas também o espaço destinado ao esporte, destacando-se o futebol, na mídia brasileira.

¹⁵ DAMATTA, Roberto Augusto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5ª.ed., Rio de Janeiro: Koogan, 1990, p. 105.

“Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra elementos cívicos básicos, identidades nacionais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares”¹⁷

b) O Jornalismo Esportivo

“Quando se fala em especialização do jornalismo esportivo, porém, é preciso ter em conta que ele ocorre em dois níveis: horizontal, em relação ao jornalismo como um todo, e vertical, na medida em que penetra nas mais variadas modalidades esportivas, cada qual com suas regras e princípios”¹⁸

O jornalismo esportivo¹⁹ é uma modalidade ou atividade jornalística que requer do profissional um profundo conhecimento sobre esportes. No caso brasileiro, a modalidade esportiva mais praticada é o futebol. O jornalista esportivo precisa relacionar todos os aspectos que envolvem uma partida de futebol, inclusive a legislação esportiva vigente no país. Além das regras e regulamentos²⁰, o jornalista necessita conhecer a história daquele esporte (personagens e fatos)²¹, sua evolução nos tempos (a mudança das regras e da doutrina do esporte)²², a filosofia do jogo (o modo de praticá-lo)²³, a implicação social (como esporte de recreação ou competição)²⁴ e cultural (o esporte como expressão

¹⁶ TÁVOLA, Artur da, Op.cit. , p.274.

¹⁷ DAMATTA, Roberto Augusto. **Antropologia do Óbvio: Notas em torno do significado social do futebol**. In REVISTA USP: *Dossiê Futebol*, São Paulo: Edusp, 1994, p.12.

¹⁸ FONSECA, Ouhides João Augusto. **O Cartola e o Jornalista - Influência da Política Clubística no Jornalismo Esportivo**. [Tese]São Paulo: ECA/USP, 1981, p.38.

¹⁹ HERBOLATO Mário L.. **Jornalismo Especializado**. São Paulo: Atlas, 1981.

HOHENBERG, John. **O Jornalista Profissional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

²⁰ DUARTE, Orlando. **Futebol: histórias e regras**. São Paulo: Makron Books, 1993.

²¹ SCLIAR, Salomão e outros. **A história ilustrada do futebol brasileiro**. 4º v. São Paulo: Edobrás, 1968.

HEIZER, Teixeira. **O Jogo Bruto das Copas do Mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

²² DUARTE, Orlando. Op.cit.

²³ SALDANHA, João. **Na Boca do Túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968.

²⁴ LEVER, Janet. **A Loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

popular)²⁵, além do aspecto político (a relação dos cartolas com o jogo, do jogo com a política)²⁶, mercadológico (o jogo como fim comercial)²⁷ e comunicacional (o jogo como entretenimento na “indústria cultural”)²⁸.

No jornalismo esportivo, dois gêneros jornalísticas - *informativo* e *opinativo* - são regularmente utilizadas como recurso pelos profissionais da área.

O *jornalismo informativo*²⁹ está diretamente relacionado às notícias do cotidiano esportivo. Todavia, isto não implica que os jornalistas produzam matérias ligadas ao passado, ou seja, relativo à história do esporte, porque o arquivo pode servir de bom referencial para a elaboração de um texto. A *nota*, a *notícia*, a *reportagem* e a *entrevista* são os gêneros informativos mais introduzidos no jornalismo esportivo brasileiro.

*“A nota corresponde ao relato dos acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade”.*³⁰

O *jornalismo opinativo*³¹ é conduzido por jornalistas e colaboradores que desejam emitir opiniões sobre os diversos assuntos do esporte. Geralmente, os textos opinativos estão relacionados à notícia. Muitas vezes, porém, as matérias são conduzidas por fatos do passado, devido ao esporte estar diretamente ligado aos ídolos e aos resultados das

²⁵ DAMATTA, Roberto Augusto. Op.cit.

DAMATTA, Roberto Augusto. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986a.

²⁶ RAMOS, Roberto. **Futebol: Ideologia do Poder**. Petrópolis: Vozes, 1984.

²⁷ HELAL, Ronaldo. Op.cit.

²⁸ TÁVOLA, Artur da Távola. Op.cit.

²⁹ MELO, José Marques de. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1995.

³⁰ Idem p.65.

³¹ Idem, Ibidem.

competições. Os gêneros opinativos mais utilizados são o *comentário*, o *artigo*, a *crônica* e a *coluna*.

O *comentário* é o gênero mais introduzido devido ao fato de possuir uma relação direta com a notícia. Regularmente, é publicado logo após um acontecimento e vem junto com a notícia ou reportagem.

O *artigo* é inserido quando o jornalista ou colaborador tem liberdade para expor suas opiniões. Como o esporte é um tema universal e as competições são sucessivas, os profissionais tratam os assuntos de forma ampla, sem se prenderem ao tempo. Desta forma, fatos do passado e do presente estão sempre interligados.

A *crônica* é conduzida, normalmente, de forma literária pelo jornalista esportivo. Como os eventos necessitam de espectadores, os cronistas, muitas vezes, fantasiam os fatos, transformando os atletas em heróis e as notícias em histórias figurativas e até mitológicas.

A *coluna* é uma seção especializada em que o escritor expõe suas idéias e julgamentos de modo livre e pessoal. No colunismo, o estilo do autor é fundamentado na utilização dos diversos gêneros jornalísticos informativos e opinativos.

Hipótese

O futebol significa um espetáculo da cultura popular e de massa no Brasil. No ano de 1993, a seleção nacional desrespeitou a tradição vitoriosa do futebol brasileiro. O jornalista Armando Nogueira se tornou assim o representante do *Futebol-arte* no jornalismo esportivo. Já Telê Santana foi o principal nome do *Futebol-arte* no cenário esportivo naquele período, por seu trabalho objetivar sempre o espetáculo.

Objetivos

Objetivo Geral: Analisar a produção de Armando Nogueira publicada no jornal “*O Estado de S. Paulo*”, durante o ano de 1993, relatando sua importância para o jornalismo esportivo e para o futebol no Brasil, além de tratar dos principais gêneros jornalísticos opinativos aplicados pelo autor.

Objetivo Específico: Dimensionar o grau de relação do jornalista Armando Nogueira com o tema *futebol*, por meio tema-eixo *Futebol-arte / Futebol-força*, representado no universo esportivo pelo treinador Telê Santana.

Metodologia

A análise de conteúdo foi o método utilizado para a pesquisa elaborada no trabalho. O conceito do método baseou-se na teoria de Laurence Bardin³² sobre análise de conteúdo. As categorias foram formuladas seguindo a exposição teórica de José Marques de Melo³³, com relação aos gêneros jornalísticos opinativos e Mário. L. Erbolato³⁴, para as modalidades esportivas. Bardin define o método como:

*“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.*³⁵

A análise do conteúdo da produção de Armando Nogueira no jornal “*O Estado de S. Paulo*”, durante o ano de 1993, efetuou-se de forma quantitativa nas primeiras três fases, e de maneira qualitativa, na última fase.

³² BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

³³ MELO, José Marques de. Op.cit.

³⁴ ERBOLATO, Mário L. Op.cit.

³⁵ BARDIN, Laurence. Op.cit. p.42.

A primeira fase da pesquisa procurou detectar, por meio de uma abordagem quantitativa, o nível de incidência dos principais gêneros jornalísticos opinativos no trabalho do autor, tendo como base a coluna, o comentário, a crônica e o artigo como categorias de análise, conforme conceitos de José Marques de Melo³⁶.

A segunda fase da pesquisa abordou, também de maneira quantitativa, os principais temas mencionados pelo autor. Como a produção de Armando Nogueira estava voltada ao jornalismo esportivo, em que o assunto principal normalmente é o esporte, as categorias foram vinculadas às modalidades esportivas (futebol, vôlei, tênis, basquete, atletismo, automobilismo, entre outros) elaboradas por meio dos conceitos de Mário L. Erbolato³⁷.

Para Laurence Bardin, fazer uma análise temática, implica descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido. O tema é conceituado como:

*“(...) uma unidade de significação complexa, de comprimento variável; a sua validade não é de ordem lingüística, mas antes de ordem psicológica: pode constituir um tema, tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser desenvolvido em várias afirmações (ou preposições). Enfim, qualquer fragmento pode reenviar (e reenvia geralmente) por diversos temas...”*³⁸

A terceira fase da pesquisa procurou apontar uma abordagem isolada sobre o tema mais freqüente no trabalho de Armando Nogueira, analisado pelos *temas eixo* elaborados a partir de uma exposição teórica inicial.

“O objeto ou referente, são temas eixo, em redor dos quais o discurso se organiza. Por exemplo, as divisões de uma casa citadas num

³⁶ MELO, José Marques de Melo. Op.cit.

³⁷ ERBOLATO, Mário L. Op.cit., p.13-29.

³⁸ D'UNRUG, M. C. *Analyse de contenu et acte de parole*. Paris: Ed, Universitaires, 1974. In BARDIN, Laurence. Op.cit., p.105.

inquérito sobre a habitação. Ou então os ‘objetos de atitude’, numa análise da imprensa política. Neste caso, recorta-se o texto em função destes temas eixo, agrupando-se à sua volta tudo o que o locutor exprime a seu respeito”.

39

A última fase do trabalho analisou, por uma abordagem qualitativa baseada no conceito de Edgar Morin⁴⁰ sobre *Olimpianos Modernos*, a importância do personagem Telê Santana dentro do futebol brasileiro, durante o período estudado. Por meio de entrevistas com o autor das publicações analisadas (Armando Nogueira) e com alguns profissionais do jornalismo esportivo, entre eles, Alberto Helena Júnior (FSP) e Roberto Benevides (OESP), foi possível esclarecer a relação do personagem com o tema do trabalho. Para reforçar as entrevistas, foram introduzidos trechos de matérias dos jornalistas entrevistados, bem como de jornalistas e colaboradores, que elaboraram textos nos jornais “*Folha de S. Paulo*” (FSP) e “*O Estado de S. Paulo*” (OESP), durante o período de 1993.

³⁹ BARDIN, Laurence. Op.cit., p.106.

⁴⁰ No sentido de Edgar Morin, “*Olimpianos Modernos*” são vedetes ou astros da grande imprensa, que são transformados em modelos de cultura pela Indústria Cultural. No trabalho, o sentido do termo é caracterizado como *personagens de destaque no organismo social, que são exaltados pela grande imprensa*. MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX(O espírito do tempo - 1 - NEUROSE)**. 7ª ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987, p. 91-95.

CAPÍTULO 1

JORNALISMO ESPORTIVO

1.1. Panorama Brasileiro

O título de primeiro órgão esportivo na imprensa é concedido ao jornal inglês “*Bell’s Life*”, fundado em 1838, e que mais tarde foi rebatizado de “*Sporting Life*”⁴¹.

Na França, o jornalismo esportivo nasce em 1854, através de Eugene Chapas, com a implantação do órgão intitulado “*Le Sport*”. Na grande imprensa francesa, o esporte somente mereceu destaque a partir de 1875, época das transformações na imprensa e do surgimento de esportes populares. O jornalismo esportivo ganha espaço nos jornais franceses pelo aristocrata francês, Barão Pierre de Coubertin, que, com o patrocínio das elites, funda o “*Revue Athletique*”, com o objetivo de popularizar e divulgar o esporte . De 1919 até 1939, o esporte começa a ser encarado como uma área autônoma dentro do jornalismo, caracterizando a necessidade de especialização. Dos anos 40 até hoje, o tema *esporte* ganhou maior credibilidade na França graças à publicação de diversos livros escritos por autores renomados da literatura francesa. Além disso, o “*L’Equipe*”, por sua tiragem e influência, é considerado o primeiro diário esportivo do mundo.

Nos Estados Unidos, a imprensa esportiva se destacou apenas nos anos 20. Estimulou-se assim a literatura sobre esportes, o que enfatizou o caráter crítico no jornalismo esportivo, tanto para o público como para o profissional.⁴²

No Brasil, a imprensa esportiva ganhou credibilidade quando jornalistas e intelectuais renomados começaram a se interessar pelo tema. O surgimento do rádio proporcionou a base jornalística que a imprensa esportiva necessitava⁴³.

⁴¹ FONSECA, Ouhides João Augusto. Op.cit., p. 21.

⁴², GELFRAND, Louis e HEALTH JR, Harry E. . **Modern Sportswriting**. Iowa: The Iowa State University Press, 1969
In: Ouhides Fonseca. Op.cit., p. 21.

*“Somente com o surgimento do rádio - que deu instantaneidade à cobertura dos fatos esportivos - é que o jornalismo impresso melhorou seu respectivo setor, quer em termos de diversidade temática quer de quantidade de colunas”.*⁴⁴

No início do século, os primeiros periódicos esportivos brasileiros preferiam abordar assuntos relativos às modalidades esportivas que estavam mais ligadas às camadas superiores da sociedade brasileira.

*“A imprensa esportiva que surge no início do século tanto em colunas dos jornais diários, como em publicações exclusivas, pouco informava sobre o futebol nos clubes de colônia. O Brasil esportivo, uma das primeiras publicações do gênero, aparecido em 1902, tem no topo de sua primeira página um desenho da baía de Guanabara com o Pão de Açúcar no fundo, que se repete ao longo de suas edições, onde estão representados praticantes dos principais esportes abordados pelo jornal: dois jogadores de cricket, barco de rowing, dirigíveis marcando o interesse pela aviação, um ciclista, cavalos montados disputando um páreo e dois patinadores. O futebol ainda não se encontrava no primeiro time dos esportes praticados pelas camadas superiores a quem o jornal é dirigido”.*⁴⁵

A primeira notícia ocorreu apenas na edição de 17 de outubro de 1901, no jornal “O Comércio” de São Paulo:

“FOOT-BALL: No sábado, à tarde, e no domingo de manhã, se realizam dois matches de foot-ball nesta cidade, entre os rapazes dos clubes daqui e os do Rio, que para esse fim vêm a esta capital especialmente.

⁴³ SOARES, Edileusa. **A Bola no Ar: o Rádio Esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

⁴⁴ FONSECA, Ouhedes. Op.cit., p. 21

⁴⁵ MOURA, Roberto Murchon de. **O Negro e o Futebol no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1978, p. 98.

É a primeira vez no Brasil que se joga um match deste interessante sport entre dous Estados, e se acrescentaremos que são brasileiros os rapazes que na maior parte vêm do Rio disputar o campeonato - 1901, há justo motivo de nos regozijarmos por que, finalmente, a nossa gente começa a dedicar com afinco a este utilíssimo exercício, cujos benefícios para as nossas futuras gerações se hão de patentear na sua robudez phisica, condição essencial em todos os ramos do labor humano.

*A nossos leitores, que aconselhamos não perderem um minuto deste interessante encontro, prometemos todos os pormenores que os possa guiar e conduzir nesta curiosa prova de foot-ball”.*⁴⁶

Contudo, o descrédito era tanto que o jornal “O Comércio” somente publicaria o comentário da partida no dia 21 de outubro de 1901. Na mesma data, o “*Jornal do Brasil*” também publicou uma pequena nota sobre o jogo.

*“MATCH: [São Paulo, 20]: O match de foot-ball ficou empatado novamente sem que de nenhum dos lados se fizesse ponto algum. O Club do Rio embarcou no nocturno”.*⁴⁷

Segundo Moura, o futebol mereceu algum destaque da imprensa esportiva apenas com o início dos campeonatos regionais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Contudo, a abordagem do jornalismo esportivo da época estava relacionada à crônica social, com destaque, principalmente, por causa das principais personalidades presentes no evento, tanto que, a descrição das partidas, na maioria das vezes, era realizada pelos próprios atletas. Sendo assim, os periódicos da época priorizavam mais o *cavalheirismo* dos jogadores - tanto que eram chamados de senhores - do que sua qualidade técnica. Do mesmo modo, as fotografias preferiam enfatizar aspectos do público, deixando a partida em segundo plano.

⁴⁶ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Op.cit., p. 24-25

⁴⁷ Idem p.24.

*“Brilhava a fina flor da sociedade paulista (...) heróico time do Club Atlético Paulistano tão vigoroso e harmônico foi o jogo em seu conjunto (...) Dos Srs. Costa Marques, dois marcaram o segundo e o terceiro goal (...) Mantiveram a perícia e a correção que os distinguem os Srs. Renato Miranda...”*⁴⁸

Além de jogadores, os atletas faziam a função de jornalistas, descrevendo as partidas para os periódicos da época. Nos anos seguintes, o futebol ganha espaço e prestígio na imprensa brasileira. Para Moura, *“o entusiasmo pelo futebol não sendo tão episódico pelos outros esportes praticados pelas classes superiores brasileiras no início do século, propiciaria em 17 no Rio e no ano seguinte em S. Paulo, a criação das primeiras associações de jornalistas esportivos, agora já reconhecidos em sua especialidade”*.⁴⁹

Somente no início dos anos 30, com Mário Filho, é que o jornalismo esportivo ganha espaço na imprensa brasileira. Mesmo trabalhando no jornal *“O Globo”*, do Rio de Janeiro, a partir de 1931, como jornalista esportivo, Mário Filho funda o primeiro cotidiano brasileiro especializado em esportes, *“O Mundo Esportivo”*.

Sua equipe trabalhou simultaneamente nos dois jornais, por oito meses, até o fechamento do *“O Mundo Esportivo”*. Em 1936, Mário Filho compra, com a ajuda dos presidentes do Flamengo e do Fluminense, um jornal fundado na mesma época do *“O Mundo Esportivo”* e que estava falindo, o *“Jornal dos Sports”*. Mesmo assim, o jornalista ainda colaborava como colunista para o *“O Globo”*. Mário Filho morreu com cinquenta e oito anos, logo após a Copa de 1966, deixando uma série de contribuições para o jornalismo esportivo e para o futebol brasileiro.⁵⁰ As iniciativas do jornalista contribuíram para o fim do racismo no futebol e com a implantação do profissionalismo no futebol

⁴⁸ Brasil Esportivo. 21 de julho de 1902. In: MOURA, Roberto Murchon de. **O Negro e o Futebol no Brasil**. [tese]Rio de Janeiro: UFRJ, 1978, p. 98.

⁴⁹Idem p.100.

⁵⁰ LOPES, José Sérgio Leite. **A vitória do futebol que incorporou a pelada**. In Revista USP - *Dossiê Futebol*. São Paulo, Edusp, 1994, p. 64-83.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

FILHO, Mário. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

brasileiro em 1933, que contribuiu em muito para o desenvolvimento do jornalismo esportivo.⁵¹

Os conceitos e as campanhas de Mário Filho transformaram o futebol em espetáculo para o grande público. Foi ele um dos principais defensores, na imprensa, da construção do estádio do Maracanã e o inventor do Torneio Rio-São Paulo, preenchendo assim os vazios no calendário do futebol. Seu interesse fora de divulgar e moralizar o esporte, principalmente o futebol, pelo jornalismo.⁵²

Em 1928, o jornal “*A Gazeta*” de São Paulo, de propriedade de Cásper Líbero, começa a publicar um suplemento tablóide semanal de esportes, encartado nas edições de segunda-feira. Já em 1947, o mesmo jornal decide circular um periódico em formato convencional especializado em esportes. Nascia assim “*A Gazeta Esportiva*”, fundada em dez de outubro do mesmo ano⁵³. Na capital paulista, circulavam ainda jornais como “*O Esporte*” e “*O Mundo Esportivo*”, além de outros de pequeno porte.

A partir dos anos 50, aumentaram o número de jornais especializados em cobertura esportiva. Sendo assim, o “*Jornal dos Sports*”, a “*A Gazeta Esportiva*”, a “*Edição de Esportes*” de “*O Estado de S. Paulo*”, e revistas como a “*Placar*”, registraram, na época, tiragens substanciais e inovações significativas na cobertura especializada.

A “*Edição de Esportes*” (1964/1973) foi o primeiro jornal esportivo do continente a captar e transmitir com seus próprios recursos telefotos de jogos de futebol. O “*Jornal dos Sports*” começou a imprimir sua primeira página em cor-de-rosa, característica ainda presente no jornal. Já o jornal “*Última Hora*” de Porto Alegre criou a primeira editoria especializada em esportes dentro de sua redação.⁵⁴ Ouhides Fonseca destaca a importância do futebol para o jornalismo esportivo brasileiro:

⁵¹ FONSECA, Ouhides João Augusto. Op.cit., p. 21.

⁵² LOPES, José Sérgio Leites. Op.cit., p. 64-83.

⁵³ A GAZETA ESPORTIVA. **Edição 50 anos**. São Paulo: 10 de outubro de 1997.

*“Foi, realmente, o futebol o maior propulsor do jornalismo esportivo no Brasil, já que, transformou-se num verdadeiro esporte de massas, teria que atrair fatalmente o interesse dos veículos de comunicação, como a própria televisão a partir da década de 50”.*⁵⁵

⁵⁶Quase todos os jornais diários do país mantêm em circulação uma página ou um caderno próprio de esportes, sendo sempre o futebol o assunto predominante, caso dos jornais “*O Estado de S. Paulo*”, “*Folha de S. Paulo*”, “*O Globo*” e “*Jornal do Brasil*”, entre outros grandes e pequenos periódicos espalhados por todo o Brasil. Quanto aos jornais especializados, destacam-se “*A Gazeta Esportiva*”, “*Jornal dos Sports*” e o jornal “*Lance!*”, sendo assim os mais conhecidos do público e com maior tiragem na área esportiva. Além dos periódicos já citados, outros também se sobressaem na cobertura sobre esportes, caso do “*Diário Popular*”, “*Folha da Tarde*”, “*Jornal da Tarde*” e “*Notícias Populares*”, todos em São Paulo, e “*O Dia*”, “*Tribuna da Imprensa*” e “*A Notícia*”, no Rio de Janeiro.

O futebol conseguiu segmentar o setor, tendo visto a publicação de jornais por clubes e federações, caso do Sport Club Corinthians Paulista, com o “*Jornal do Corinthians*” e da Federação Paulista de Futebol, com o “*Jornal do Campeonato Paulista*”.

No setor de revistas, os principais veículos do país - a “*Veja*” e a “*Isto É*” - possuem um espaço fixo destinado ao esporte. Com relação aos especializados, a “*Placar*” continua sendo a mais tradicional na cobertura esportiva.

A diversificação das modalidades esportivas fez surgir várias revistas segmentadas, caso da “*Brasil Sports*”, “*Esporte Brasil*”, “*Show de Bola*”, “*Revista do Futebol*”, “*Top Futebol*” (futebol) , “*O Tatame*” e “*Ippon*” (Artes Marciais), “*World Basketball*”

⁵⁴ BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: As técnicas do jornalismo**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 224-225.

⁵⁵ FONSECA, Ouhides. Op.cit., p. 21.

⁵⁶ As informações sobre a cobertura esportiva dos meios de comunicação foram recolhidas no Anuário Brasileiro de Mídia - 1997, na ACEESP - Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de S. Paulo, na ACERJ - Associação dos Cronistas Esportivos do Estado do Rio de Janeiro e na Internet.

(basquetebol), “*Mundo do Vôlei*” (Voleibol), “*Tri-Bike*” (triatlon), “*Fluir*” (Surf), “*Sky News*” e “*Asas*” (Vôo Livre), “*Speed News*” e “*Racing*” (automobilismo), “*Futsal Brasil*” (futebol de salão), “*Tennis*” (Tênis).

No futebol, alguns clubes investiram na publicação de revistas, entre eles, o Corinthians, com a “*Raça Corintiana*”; Santos Futebol Clube - “*Jovem Santos*”; Palmeiras - “*Revista Palmeiras*”; São Paulo Futebol Clube - “*Nação Tricolor* e “*São Paulo Notícias*”; Clube de Regatas Flamengo - “*Revista do Flamengo*” e Grêmio Football Porto Alegre - “*Nação Tricolor*”.

O rádio e a televisão fazem uma cobertura atuante aos eventos esportivos, tanto que quase todas as emissoras possuem programas diários sobre esportes, e também dedicam uma faixa significativa de sua programação para a transmissão de competições esportivas, principalmente relacionadas ao futebol.⁵⁷

Em São Paulo, algumas rádios se sobressaem na cobertura esportiva, caso da *Anchieta*, *Atual*, *Bandeirantes*, *Capital*, *Gazeta*, *Globo*, *Jovem Pan*, *Mundial*, *Record* e *Super Rádio Tupi*, todas em Amplitude Modulada - AM. O mesmo acontece no Rio de Janeiro, com as rádios *Agulhas Negras*, *Bandeirantes*, *Globo*, *Grande Rio*, *Nacional*, *Rio de Janeiro*, *Sociedade de Friburgo*, *Sul Fluminense*, *Super Rádio Tupi*, *Tamoio* e *Tropical*.

Vários eventos do calendário esportivo, principalmente Copa do Mundo, Olimpíadas, torneios nacionais e internacionais de futebol, apresentações da seleção brasileira de futebol e campeonatos mundiais de outras modalidades esportivas adquirem grande espaço na programação das principais redes de televisão do país, como a *Bandeirantes*, *Cultura*, *CNT Gazeta*, *Globo*, *Manchete*, *Record* e *SBT* - Sistema Brasileiro de Televisão.

Com a entrada da rede de televisão de canal fechado (por assinatura), o esporte mereceu maior atenção na programação televisiva, ganhando assim emissoras especializadas, caso dos canais *SporTV*, da Globosat Programadora Ltda; *ESPN Brasil* e *ESPN Internacional*, da TVA Sistema de Televisão S/A.

No momento, a maioria dos grandes jornais do país possui um jornalista que produz textos baseados no gênero opinativo. Alguns jornalistas esportivos, como Nelson Rodrigues, João Saldanha, Ruy Carlos Ostermann e Armando Nogueira conquistaram o respeito do público devido aos seus pensamentos sobre futebol. Dos quatro, apenas Ostermann e Armando Nogueira ainda atuam junto ao jornalismo esportivo, pois Nelson e João já faleceram.

1.2. Jornalistas Esportivos⁵⁸

No jornalismo esportivo brasileiro, o futebol é o assunto central dos temas discutidos e analisados pelos jornalistas. Devido ao seu caráter popular e social, o futebol engloba aspectos do cotidiano e do real. Segundo Ivan Cavalcanti Proença, o futebol pode ser, realmente, examinado “*como uma manifestação, e muito típica, da cultura e da realidade brasileira*”.⁵⁹ Assim, para o autor, o jornalismo esportivo abriga boa parte do material necessário à configuração do futebol como elemento associado aos problemas do país.

No futebol, o jornalismo é parte integrante e participativa do espetáculo. Jogadores, torcedores, comissão técnica e dirigentes conduzem o futebol de forma prática e política, sendo que o papel do jornalismo é de divulgação e interpretação dos fatos relacionados ao futebol.

⁵⁸ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Op.cit.

MÁXIMO, João. **João Saldanha: sobre as nuvens da fantasia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **A pátria de chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NOGUEIRA, Armando. **O Homem e a bola**. São Paulo: Globo, 1988.

_____. **Bola na Rede**. São Paulo: José Olympio, 1974.

DIAS, Marlon. **Armando a jogada**. [TCC] Londrina: CECA/UUEL, 1995.

⁵⁹ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Op.cit., p.32.

A notícia é transmitida pelo jornalista esportivo, que relata os acontecimentos conforme sua ocorrência. A análise da informação passa a ser de essencial importância para o esclarecimento dos assuntos do futebol. Contudo, a opinião no jornalismo esportivo deve ser conduzida por profissionais conceituados que possuem conhecimento claro sobre o assunto.

No Brasil, vários jornalistas esportivos merecem destaque: Thomaz Mazzoni, Milton Pedroza, Sandro Moreira, João Saldanha, Nelson Rodrigues, Ruy Carlos Ostermamm, Armando Nogueira, Juca Kfourri, Alberto Helena Júnior, Matinas Suzuki Júnior, Roberto Benevides, entre outros.

O trabalho dos jornalistas esportivos merece um estudo aprofundado, como referência para estudantes e profissionais. Em específico, esta pesquisa utilizou como referência a obra do escritor e professor Ivan Cavalcanti Proença, que analisou o estilo de quatro dos principais cronistas esportivos do país: João Saldanha, Nelson Rodrigues, Ruy Carlos Ostermamm e Armando Nogueira. Foram estilos que marcaram o jornalismo opinativo, pela autenticidade dos textos.

Como o trabalho é composto pela produção jornalística de Armando Nogueira, foi primordial situar o trabalho do autor junto aos demais integrantes deste ramo do jornalismo. Assim, demonstrou-se o estilo dos quatro jornalistas para fim de comparação, tomando como fonte o já citado livro “Futebol e Palavra” de Ivan Calvalcanti Proença.

A prosa de João Saldanha é marcada pelo tom coloquial, mostrando uma fidelidade ao “jeitão” simples e descontraído que se identifica com os períodos telegráficos. As frases nominais se identificam com o vocabulário popular, facilmente decodificável pelos admiradores do futebol. Como forma de aproximação com o leitor, João Saldanha utiliza-se da provocação - mantendo uma tensão entre o real e o imaginário. O anti-herói, herói problemático moderno (enfim, o “infrator da ordem” ou o “desvio da norma”, como Mané Garrincha e Almir) também é uma constante nos textos do autor.

*“Aquele jogo dos garotos, no intervalo de Flamengo X Cruzeiro, agradou demais. Foi tão bom que os donos dos bares se estrepavam todos e ficaram bronqueados. Afinal, ninguém se levantou para tomar o cafezinho ou o refrigerante de costume. Dizem até que eles vão recorrer ao Abelard França, para evitar que a iniciativa se repita durante o Campeonato Carioca. Convém aguardar a decisão da ADEG. Tomara que os garotos continuem oferecendo espetáculos no Maracanã”.*⁶⁰

As hipérboles ou exageros narrativos são uma marca de Nelson Rodrigues. Assim, as metáforas hiperbólicas são normalmente memorizadas e comentadas. O autor se aproxima dos torcedores através da paixão pelo futebol, ou seja, o fanatismo. Outras características dos textos de Nelson Rodrigues são: o ritmo resultante da adjetivação binária e ainda da ternária (tricolon); o emprego intencional do lugar-comum (chavões, frases feitas); espírito crítico baseado nas defesas do eu e do subjetivismo; o saudosismo e o tom lírico marcado pela aproximação entre o trágico e a intensa marca de nostalgia.

*“Amigos, na minha crônica de ontem, apresentei o único torcedor ceguinho do mundo. É tricolor de não sei quantas encarnações. E não perde uma do Fluminense. Mete-se na arquibancada com a sua bengalinha branca. Torce, como ninguém, os noventa minutos. Discute impedimentos, acusa pênaltis não marcados, é mais opinante do que ninguém. E quando aparece, todos dizem: “Olha o ceguinho! Olha o ceguinho!” E uma coisa eu digo: “ todos podem trair o Fluminense, menos o ceguinho”.*⁶¹

A preocupação participante marca os textos de Ruy Carlos Ostermann. A consciência e a visão abrangente fazem do autor um crítico dos dirigentes e um defensor da habilidade do jogador brasileiro. O enfoque conteudístico e a metalinguagem também são introduzidos em seus textos para relatar os problemas e os pormenores do futebol.

⁶⁰ PEDROSA, Milton. (Org.) **O Olho na Bola**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. In: PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p.47.

*“Convenhamos, minhas senhoras, que um jogador de futebol não precisa, necessariamente, ser versado em cultura geral. Ele é de resto, fenômeno de cultura específica. Diríamos, é um especialista. O futebol forma com ele uma intimidade irreversível, nada existe nesta relação que não seja próprio - se alguém prestar atenção no diálogo que os jogadores mantêm entre si a respeito de uma jogada, de um toque de bola, perceberá um universo de compreensão e afetividade, tudo pessoalizado e significado”.*⁶²

Os textos de Armando Nogueira apresentam um paralelo entre o passado e o presente, trazendo uma visão dramática do mundo, com seus heróis puros e inocentes. O mundo estilístico de Armando Nogueira é composto pela ironia, pela solidão, em que o trágico é transmitido por metáforas que revelam a defesa do talento do jogador brasileiro, ou seja, do *Futebol-arte*.

A construção do texto de Armando Nogueira é determinada pela ordem usual, lógica, das palavras. O expressivo ritmo é marcado pelo uso do oposto, ora como explicação, ou sínteses, ora em sugestões mais de atributo, mas sempre em pausas oportunas. Quando deseja interferir no texto, o autor se apropria de variados fluxos de consciência e dos discursos direto e indireto livre ao monólogo anterior. Contudo, a paixão, às vezes, trai a consciência do autor equilibrado. O artesanato é deixado de lado para lembrar os ídolos do passado e manter viva a beleza do futebol.

“Paulinho (seis anos) está na maior felicidade deste mundo: pela primeira vez na vida ele vai hoje ao Maracanã. Vai hoje, com o pai, ver o futebol de estádio grande...

Chegue para ficar, menino-que-chega, porque é aqui que está a bola - a bola da minha, da tua, da nossa infância; aqui está a bola branca que,

⁶¹ Idem.

⁶² Idem, *Ibidem.*, p. 49.

rolando, descobre o céu: brinquedo mágico, forma perfeita, circular, forma divina.

Deus é esférico”⁶³

Na produção dos quatro jornalistas existe a preocupação em valorizar os fatos e personagens do futebol. Seja pelo uso do coloquial, das hipérboles, da participação direta no texto ou pela técnica apurada, os jornalistas citados retratam o jogo de futebol como espetáculo. Talvez, por ser o futebol, um elemento da cultura popular, mas principalmente, pela dimensão que o esporte atingiu nos meios de comunicação.

*“O que importa aqui é perceber como o esporte, de uma forma geral, e o futebol em particular, é também um fenômeno específico da comunicação, proporcionando os mesmos debates e sofrendo os mesmos questionamentos suscitados pelo impacto da mídia na modernidade. Mais do que isso, o futebol é rico em imagens e mensagens representativas da comunidade, podendo ser entendido como um poderoso sistema de comunicação capaz de unir diferenças e proporcionar um espetáculo ritual de grande significado para aqueles que dela participam “.*⁶⁴

Sem elementos da cultura popular o jogo não se transforma em show para os meios de comunicação. O *Futebol-arte* torna-se assim um elemento circunstancial para o jornalismo esportivo no Brasil. Janet Lever relata as razões que levam alguns jornalistas esportivos a retratarem o futebol como espetáculo no Brasil.

“Os torcedores dos dois clubes freqüentemente se unem para vaiar seus times, durante uma partida tediosa, sem muito empenho, tudo indicando que vai terminar num empate sem gols. Esses acontecimentos merecem muita atenção dos jornalistas, que receiam uma tendência para o estilo europeu de jogo defensivo, implicando perda do estilo agressivo de

⁶³ Idem, Ibidem., p.44.

⁶⁴ HELAL, Ronaldo. Op.cit., p. 40.

*ataque sul-americano, que sempre proporciona boas notícias e partidas emocionantes”.*⁶⁵

⁶⁵ LEVER, Janet. Op.cit., p.115.

CAPÍTULO 2

FUTEBOL-ARTE

2.1. A Arte e a Força⁶⁶

O *Futebol-arte* não tem marca histórica, talvez tenha nascido com os chineses ao praticarem o *Kemari*, em 2600 a.C., ou com os gregos do *Epyskiros*, no século II ou com os romanos do *Haspartum*, no século XI. Sua origem está no espetáculo com a bola e os pés. Como diz o espanhol Jesus Castañón Rodrigues, *Futebol-arte* é um “*estilo de gran calidad basada en la ejecución brillante de las jugadas*”.⁶⁷

O *Futebol-força*, também não teve data marcada, talvez tenha surgido na França com o truculento jogo do *Soule*, na Idade Média, ou com o *Mass-Football*, na Inglaterra, em 1175. Este estilo se caracteriza pelo caráter competitivo do jogo, baseado na força dos atletas. Jesus Castañón Rodrigues o define como “*estilo de juego basado en el desarrollo de una gran preparación física*”.⁶⁸

“Com efeito, se pensarmos o futebol como jogo, muitas questões instigantes fazem-se imediatamente colocar. Considerado como jogo que exige das equipes movimentação da bola com os pés, o futebol contém elementos do esporte propriamente dito, ao se basear no treinamento físico, na força e na resistência dos jogadores, ao mesmo tempo que contém elementos de uma arte, qual seja, ao de criar em microssituações, que não duram mais de frações de segundos, uma solução não prevista na técnica, pelas regras da tática e da disciplina.

O jogador deve tornar-se quase um dançarino, fazer de seu corpo um conjunto de signos indecifráveis para o adversário, dominar a arte do

⁶⁶ SCLiar, Salomão & RIBEIRO, Marco Aurélio de Oliveira. Op.cit.

⁶⁷ CASTAÑÓN RODRIGUES, Jesus. *El Lenguaje Periodístico del Fútbol*. Valladolid: Secretariado del Publicaciones - Universidad, D.L., 1993, p148.

⁶⁸ Idem.

drible, da condução maliciosa e artilosa da bola, numa exibição permanente de habilidade e raciocínio rápido, aproveitando todos os lances do acaso, do imprevisto, da oportunidade.

Isso tudo aponta tanto para o lado lúdico, como para o lado “sério” do futebol: entretenimento, passatempo, divertimento, mas também lição de ontologia: o ser das coisas, a vitória, a derrota são frutos do acaso.

Mesmo que a racionalização crescente do futebol como um todo seja um processo evidente (na organização empresarial dos times, na representação profissional, no aprimoramento técnico, nos novos esquemas táticos), o que diminui a margem do imprevisto, o jogo enquanto tal jamais perderá a dimensão do acaso, garantia do desconhecimento prévio do resultado da partida.

*O futebol pode ser visto assim como espetáculo em que corpo e alma, força física e sagacidade se combinam num todo que tem algo de dança, de teatro, de circo, de arena, o que se combina com as artes do malabarismo e do atletismo, tudo isso gerando enormes efeitos de sedução”.*⁶⁹

2.2. O Futebol-arte

O *Futebol-arte*⁷⁰ é o jogo tido como *espetáculo*, que valoriza a técnica do jogador através da exploração de sua habilidade, criação e liberdade em campo; baseada na prática do jogo ofensivo que favorece as jogadas individuais e respeita as características do atleta, em que a marcação também incentiva ao ataque e aos gols, concedendo liberdade para o jogador se posicionar de acordo com o espaço deixado em campo pelo adversário, com a tática servindo apenas como referencial, mantendo uma consonância entre o indivíduo e o conjunto.

⁶⁹ BRUNI, José Carlos. **Dossiê Futebol**. In Revista USP. Nº 22. São Paulo: Edusp, junho/julho/agosto - 1994, p.8.

⁷⁰ LEVER, Janet. Op.cit., p.67-68.

CASTAÑON RODRIGUES, Jesus. Op.cit., p.148.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Op.cit., p.107.

No futebol moderno, o *Futebol-arte* se caracteriza pela aliança da arte ao treinamento físico, força e resistência, sem que esses três elementos se sobreponham diante da espontaneidade do jogador. O jogo fica movimentado, cheio de gols e jogadas individuais e coletivas. As faltas são punidas de forma drástica pelos juizes, expulsando do jogo o atleta que interrompe o andamento das partidas, ao cometer excessivas faltas e que paralisa o jogo com a cera⁷¹. No *Futebol-arte*, a vitória vem junto com o espetáculo, porque as equipes buscam o gol a todo o momento.

A América do sul é considerada o continente do *Futebol-arte*, sendo que Brasil, Argentina e Uruguai são seus maiores representantes, tendo conquistado juntos, oito Copas do Mundo. O futebol brasileiro é o mais vangloriado, por sempre privilegiar o espetáculo nas competições esportivas, ao contrário dos outros representantes que permeiam seus estilos entre a arte e a força. A habilidade dos jogadores brasileiros trouxe ao futebol brasileiro o reconhecimento internacional.

*“... basta recordar o que conquistamos através dos tempos, para se concluir facilmente, que, seja nas grandes vitórias ou nas competições perdidas, o craque brasileiro sempre deixou a marca de sua categoria, de seu talento criador, de uma desconcertante astúcia, que lhe deu merecidamente a fama de melhor do mundo. De Friedenreich a Pelé, os arquivos do futebol brasileiro guardam nomes de craques inigualáveis, que com sua arte e engenho fanatizam multidões, arrancam risos e lágrimas, amor e ódio e dando até novas dimensões de grandeza a seu povo e seu país”.*⁷²

Mesmo nas derrotas, como na Copas do Mundo de 1938, 1950 e 1982, o futebol brasileiro foi exaltado e aplaudido pela beleza plástica do jogo exibido. O mesmo aconteceu nas vitórias, como a conquista de três campeonatos mundiais, em 1958/62/70 e nos Mundiais Interclubes pelo Santos Futebol Clube em 1962/63, pelo Clube de Regatas

⁷¹ No futebol, a cera, tecnicamente, se define como retardamento no ritmo de jogo.

⁷² MOREIRA, Sandro por PEDROSA, Milton. **O Olho na Bola**. Rio de Janeiro, Gol, 1968, p. 147-148.

Flamengo em 1981, pelo Grêmio de Football Porto-alegrense em 1983 e pelo São Paulo Futebol Clube em 1992/93. Evidência disso é o relato da socióloga norte-americana Janete Lever:

*“O estilo sul-americano é considerado mais vistoso e com alto grau de improvisação, dando-se muita ênfase ao individualismo e ao ataque:” O futebol brasileiro é uma dança repleta de surpresas irracionais e variações dionísicas”. Encarada como uma expressão de personalidade nacional, o futebol brasileiro é cheio de ritmo, como se fosse um balé, esperto e malicioso: os brasileiros usam a palavra alegre, significando tanto feliz como vistoso, para descrever seu estilo de jogar”.*⁷³

O *Futebol-arte* teve seus focos na Europa. O selecionado húngaro, que disputou a Copa de 1954, na Suíça, e a seleção holandesa que disputou a Copa de 1974, na Alemanha, são exemplos típicos de futebol bem praticado, baseado no “*fair play*”, assim como o time do Ajax, da Holanda, nos anos 70, entre outros. O belo futebol jogado pelas seleções da Hungria e Holanda é reconhecido pelos jornalistas brasileiros por seguirem a escola brasileira. Mesmo nas derrotas, os jornalistas elogiaram o futebol jogado com beleza e arte.

*“Ah, sim, não ganhamos nada em 82. Também não ganhamos em 30, 34, 38, 50, 54, 66 e 74 jogando com os tais pontas. Mas, com exceção do time de 50, nenhuma seleção foi tão reverenciada como a de 82. Está ali, preservada em ouro, ao lado da Hungria de Puskas e da Holanda de Cruyff”.*⁷⁴

“Outro dia, Zagalo ironizou o meu fascínio pelo futebol jogado com brilho e audácia. O decano da seleção citou a Hungria de 54 e a Holanda de 74 como fiasco na Copa do Mundo. Jogaram bonito, dizia ele, mas

⁷³ LEVER, Janet. op.cit, p.67.

⁷⁴ HELENA JÚNIOR, Alberto. **A questão não é o sistema, é o homem.** Folha de S.Paulo. São Paulo: 09 de março de 1994.

perderam. E me alfinetou: ‘As seleções que o Armando endeusa tanto’. Com grande honra, respondo-lhe, do alto da minha insignificância.

Esquece Zagalo, que exaltei, também - e como ! e quanto ! - o Brasil de 58 e de 70, duas equipes inesquecíveis, das quais, por sinal, ele participou, uma vez jogando, e outra, comandando.

É uma refinada bobagem dizer que o futebol bonito, bem jogado é incompatível com a vitória. E que, pra ser campeão, é preciso jogar o futebol avarento que se viu agora na Copa do Mundo”.⁷⁵

2.3. O Futebol-força

No Brasil, o *Futebol-força*⁷⁶ é confundido como jogo violento. O *Futebol-força* ao contrário do *Futebol-arte*, não valoriza o espetáculo, mas apenas o *resultado* final do jogo. É uma forma de jogo que valoriza o preparo físico do jogador através da exploração de sua velocidade, vigor físico e obediência ao esquema tático rígido do treinador; centrado no jogo defensivo, tendo cada jogador a sua função e seu espaço predeterminado, em que o conjunto inibe a individualidade.

No futebol moderno, o excesso de faltas e paralisações interrompe o jogo a todo o momento, prejudicando o desenvolvimento da partida e o feitiço de gols. A força encobre a criatividade, intimidando o lado artístico do atleta. A partida vira uma batalha campal, cheia de atritos e choques. O adversário é o inimigo, que deve ser detido a todo custo, não importando como e de que modo. O jogo fica monótono, pois dificilmente acontece um gol. A violência e a cera são raramente punidas pelos juizes. As paralisações são constantes por causa da cumplicidade e falta de consciência esportiva de alguns árbitros, treinadores e atletas. No *Futebol-força*, a vitória acontece mediante o uso da violência, porque o objetivo é reprimir o adversário ou “inimigo”.

⁷⁵ NOGUEIRA, Armando. **Quanta saudade!** *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: 17 de agosto de 1994.

⁷⁶ LEVER, Janet. Op.cit., p.67-68.

CASTAÑON RODRIGUES, Jesus. Op.cit., 1993, p.148.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Op.cit, p.107.

Ao contrário do *Futebol-arte*, o *Futebol-força* foi pouco difundido no Brasil, mantendo-se mais ligado ao futebol europeu. Algumas equipes européias se destacaram pelo esquema de jogo baseado em obediência tática e preparo físico. O reconhecimento internacional também foi exaltado por seu estilo estar diretamente ligado ao resultado, à competição e à força, como nas Copas do Mundo conquistadas pela Alemanha em 1954/74/86, Itália 1934/38/82 e Inglaterra em 1966, além das várias vitórias em Mundiais Interclubes.

*“Os europeus são mais controlados e metódicos, orgulhando-se do eficiente jogo de equipe e da defesa. A seleção britânica vitoriosa na Copa de 1966 foi descrita como ‘sem nada de espetacular... atacando cautelosamente com a paciência de um hábil cirurgião.’ Os estilos russo e alemão estão associados com força e determinação”.*⁷⁷

2.4. O Futebol Brasileiro de 1982 a 1994

No início dos anos 80, o futebol mundial observou a ascensão do *Futebol-força*, principalmente pela vitória da Seleção Italiana no Mundial de 1982. Todos os semifinalistas eram equipes européias que praticavam um futebol voltado apenas à marcação e à força física. O *Futebol-arte* se abalou com a derrota da seleção brasileira nas quartas-de-final, mesmo sendo elogiada pela imprensa internacional.

O relato do jornal “*O Estado de S. Paulo*”, de 20 de junho de 1982, mostra os vocábulos utilizados pelos jornais estrangeiros da época como o chileno “*La Tercera*”, “*El Mercurio*” e “*Las Últimas Noticias*”, os espanhóis “*El Correo de Andalucia*” e diário “*ABC*” e as agências internacionais como a UPI e a Latim-Reuter, para identificar a seleção brasileira.

⁷⁷ LEVER, Janet. Op.cit, p.68.

“Deuses”, “monstro de 11 cabeças”, “mágicos”, “bruxos”, “exibição de arte”, “O mundo fala Brasil”⁷⁸

Após a derrota da seleção brasileira, o suíço “*Jornal de Genève*” comentou:

*“O mais surpreendente é a admiração unânime que o time brasileiro despertou junto ao público europeu. A alegria de jogar, a elegância de movimentos de homens talentosos, numa formação que, como o próprio país, apresenta um mosaico único e harmonioso de raças e indivíduos”.*⁷⁹

A partir do Copa de 1982, o futebol mundial assumiu uma tendência defensiva e violenta, bem ao estilo europeu. O *Futebol-arte* dos brasileiros se relegou ao segundo plano: o importante só era a vitória, não o espetáculo. Alguns técnicos, adeptos do futebol europeu, pregavam um estilo de jogo voltado à marcação, em que a defesa é privilegiada em detrimento ao ataque. Os jogadores ficaram prisioneiros do sistema tático.

“Uma das grandes tragédias da beleza nos dias de hoje é o retrocesso estético sofrido por desportos como o futebol, por exemplo. Despido do conteúdo de beleza por um profissionalismo furibundo, transformou-se na maior escola de violência e ânsia de vitória. O urro das torcidas contemporâneas e as formas agressivas mediante as quais pretendem impor a vitória, revelam grave retrocesso anímico. Quando o dado beleza é substituído pela necessidade de vitória, à crise estética corresponde uma crise de valores denunciatória da decadência. É o desporto refletindo a crise moral da sociedade material.

*O futebol, ninguém duvide, é arte em decadência. Já não mais possui objetos estéticos paralelos aos competitivos. Faz-se guerra. E, no entanto prossegue belo, enigmático; o esporte vence a tecnocracia por ser o que permite a mais elevada taxa de acaso”.*⁸⁰

⁷⁸ *O Estado de S.Paulo. A Copa no Mundo.* São Paulo: 20 de julho de 1982.

⁷⁹ *Idem.*

⁸⁰ TÁVOLA, Artur da. *Op.cit.*, p.218.

Em 1986, na Copa do Mundo do México, o *Futebol-arte* dos brasileiros é novamente derrotado. A conquista do título pela Argentina, segundo expoente do *Futebol-arte*, é determinada pelo talento de Diego Maradona.

O *Futebol-força* já começava a ser introduzido e aplicado em equipes brasileiras por alguns técnicos adeptos do estilo europeu. O auge acontece em 1989, quando Sebastião Lazaroni assume a seleção brasileira e aplica, pela primeira vez na história, uma filosofia avessa à tradição brasileira do *Futebol-arte*.

O declínio total do *Futebol-arte* no Brasil acontece em 1990, na Copa da Itália. Todas as equipes imprimem um estilo de jogo baseado no *Futebol-força*, inclusive a Seleção Brasileira. Derrotada, a equipe nacional realiza a terceira pior campanha da história da seleção nacional em Copas do Mundo. Pela primeira vez no século, uma equipe brasileira apresenta um futebol voltado ao resultado, sem talento, arte e show.

Após a Copa de 1990, o futebol brasileiro é novamente revalorizado no cenário internacional graças às conquistas do São Paulo Futebol Clube com o bicampeonato mundial interclubes em 1992/93. O estilo de jogo praticado pela equipe brasileira é associado ao *Futebol-arte* pela imprensa brasileira e internacional.

*“Que o São Paulo está jogando o melhor futebol do mundo, no momento parece inquestionável. Que o São Paulo é, hoje, a equipe símbolo do Futebol-arte, também parece indiscutível”.*⁸¹

“Paris - Quando o árbitro apitou o final de São Paulo x Barcelona, o futebol brasileiro fechou o mais brilhante ano de sua história, desde que Pelé abandonou a seleção. O Brasil está voltando a suas origens, mostrando

⁸¹ NOGUERIA, Armando. **Na Grande Área**. São Paulo: *O Estado de S.Paulo*. 25 de dezembro de 1992.

o futebol que tanto agrada a Telê Santana e nada tem a ver com a experiência catastrófica de Sebastião Lazaroni, em 1990, na Itália".⁸²

Receosa pelo retorno do futebol de resultados, que fracassou em 1990, na Copa da Itália, a imprensa paulista, representada por seus dois maiores jornais - "*O Estado de S. Paulo*" e "*Folha de S. Paulo*", acabou observando, no estilo de jogo do São Paulo, um modelo para as equipes do país, papel sempre designado à seleção brasileira de futebol.

“Assim, quando chegarmos a encruzilhada, Parreira começa a vislumbrar o caminho mais seguro em direção à conquista da vaga para a Copa do Mundo: recapturar na seleção o que de melhor o nosso futebol revelou nos últimos anos - o espírito de harmonia e criação do São Paulo, campeão do mundo".⁸³

Ao mesmo tempo em que aumentavam os elogios ao futebol mostrado pelo São Paulo Futebol Clube, equipe treinada por Telê Santana, os críticos mostravam seu pessimismo com relação à seleção brasileira de futebol. Carlos Alberto Parreira e Mário Jorge Lobo Zagalo começavam a implantar na equipe nacional um estilo de jogo contrário ao apresentado pelo São Paulo. Mesmo vencendo, a seleção era duramente criticada, pois o técnico privilegiava a defesa, ou seja, o jogo de resultados - estilo oposto da tradição brasileira do *Futebol-arte*. A seleção brasileira imprimiu, antes e durante as eliminatórias para a Copa do Mundo, um estilo voltado ao *Futebol-força*. A equipe era avessa ao futebol de qualidade. A maioria dos jogadores que atuava pelo time estava mais voltada para a marcação e violência do que para o espetáculo.

“A seleção das eliminatórias também foi criticada por Pelé - ‘o defeito dessa equipe é que ela não respeitou a filosofia brasileira. As

⁸² JÚNIOR, Reali. **Futebol brasileiro volta a ser respeitado na Europa**. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: 05 de janeiro de 1993.

⁸³ HELENA JÚNIOR, Alberto. **Zetti foi uma vítima da comissão técnica**. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 08 de agosto de 1993.

equipes do Brasil que conseguiram alguma coisa sempre tiveram uma característica: jogaram pra vencer”.⁸⁴

“Qualquer técnico menos orgulhoso e prepotente, e real admirador do estilo nativo de se praticar o esporte bretão, daria um jeito na nossa seleção.

*E se temos mais de 50 dias pela frente, por que não mudar? Não basta a vergonha que passamos na última Copa? Alguém ainda concebe que um país, que dispõe de um Telê Santana, deva se conformar com essa dupla sensaborona?”*⁸⁵

As críticas ao técnico continuaram durante a Copa do Mundo. Jogo da seleção era monótono e sem criatividade. O time brasileiro priorizava a marcação. O único foco de criatividade da equipe eram as raras jogadas de habilidade de Romário e Bebeto. Mesmo conquistando o tetracampeonato mundial, a imprensa paulista continuou adepta às convicções de que o melhor para o futebol brasileiro é o futebol ofensivo, que trouxe três títulos mundiais ao Brasil e, assim, o respeito internacional.

“Mas um Brasil desfigurado, que só tem compromisso com a própria segurança, não com sua história, sua escola, enfim, para usar um termo pedante, com sua cultura futebolística. Isso não quer dizer que se clame por um time irresponsável, que jogue, na expressão de Zagalo, apenas bonitinho, não. O que se pede é um futebol no qual se harmonizem espírito de competitividade e imaginação, como foi em 58, em 62 e em 70”.⁸⁶

⁸⁴ Ver UJ85.

⁸⁵ FORMER, Marcelo & REIS, Nando. **Brasil dá vexame no “Parque dos Sapos”**. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 25 de abril de 1994.

⁸⁶ HELENA JÚNIOR, Alberto. **Ficou na Copa um Brasil desfigurado**. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 07 de julho de 1994.

CAPÍTULO 3

O JORNALISMO ESPORTIVO DE ARMANDO NOGUEIRA

3.1. Perfil Biográfico

Armando Nogueira⁸⁷ é considerado, juntamente com Mário Filho, Nelson Rodrigues, João Saldanha e Ruy Carlos Ostermamm, um dos jornalistas esportivos mais importantes na história do jornalismo brasileiro.

Nasceu em Xapuri, no Acre, no dia 14 de janeiro de 1927. Casado com Dona Brunehilde Piedade Magalhães Nogueira, Armando possui um filho, Armando Augusto Magalhães Nogueira, e uma neta, Letícia Kato Nogueira.

Tornou-se bacharel em direito, em 1949, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Em 1950, iniciou a carreira de jornalista no “*Diário Carioca*” do Rio de Janeiro. Foi repórter, redator e colunista. Ainda no mesmo jornal, passou a assinar a coluna “*Bola pra Frente*” sob o pseudônimo de “*Arno*”.

Trabalhou na Revista Manchete, como redator-principal, na gestão de Otto Lara Resende. Em “*O Cruzeiro*”, foi repórter cinematográfico de 1957 a 1959, ano em que passou a trabalhar no “*Jornal do Brasil*”, onde foi redator e colunista. Já em 1961, criou, no mesmo jornal, a coluna denominada “*Na Grande Área*”. Armando Nogueira permaneceu no “*Jornal do Brasil*” até 1973.

Em 1966, ainda sem despedir-se do “*Jornal do Brasil*”, assumiu junto com Alice Maria o comando da Central Globo de Jornalismo. Em 1973, Armando Nogueira deixaria de vez o JB, para se dedicar exclusivamente à Rede Globo, onde permaneceu por vinte e

⁸⁷ DIAS, Marlon. Op.cit.
PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Op.cit.
NOGUEIRA, Armando. Op.cit.

cinco anos até ser despedido no dia vinte e sete de março de 1990. No período em que esteve na emissora, Armando também dirigiu o departamento de esportes.

No período que esteve na Rede Globo, Armando Nogueira largou o jornalismo esportivo impresso. Em 1990, promoveu o retorno da coluna “*Na Grande Área*”, desta vez no jornal “*O Estado de S. Paulo*”. Foi com a mesma coluna - durante onze anos publicada pelo “*Jornal do Brasil*” - que Armando Nogueira se firmou como jornalista esportivo. Nela, expõe suas opiniões pessoais sobre os diversos assuntos relacionados ao esporte, tendo como assunto principal a abordagem sobre o futebol. A qualidade literária dos textos determina o seu estilo jornalístico, sem inibir a comunicabilidade nem suscitar a apatia do leitor. Atualmente, essa coluna é publicada em mais de cinquenta jornais em todo território nacional. Entre eles:

Acre:	“ <i>A Gazeta</i> ” - Rio Branco
Amapá:	“ <i>Jornal do Dia</i> ” - Macapá
Amazonas:	“ <i>A Crítica</i> ” - Manaus
Bahia:	“ <i>Diário do Sudoeste</i> ” - Vitória da Conquista
Ceará:	“ <i>Diário do Nordeste</i> ” - Fortaleza
Distrito Federal :	“ <i>Jornal de Brasília</i> ” - Brasília
Espírito Santo:	“ <i>A Gazeta</i> ” - Vitória
Goiás:	“ <i>O Popular</i> ” - Goiânia
Maranhão:	“ <i>O Imparcial</i> ” - São Luís
Mato Grosso:	“ <i>Diário de Cuiabá</i> ” - Cuiabá
Minas Gerais:	“ <i>Agora</i> ” - Divinópolis
	“ <i>Correio do Sul</i> ” - Varginha
	“ <i>Correio</i> ” - Uberlândia
	“ <i>Diário Regional</i> ” - Ituiutava
	“ <i>Hoje em Dia</i> ” - Belo Horizonte
	“ <i>Jornal de Uberaba</i> ” - Uberaba
	“ <i>Mantiqueira</i> ” - Poços de Caldas
	“ <i>Ita Vox</i> ” - Itaúna

Pará:	“ <i>O Liberal</i> ” - Belém
Paraíba:	“ <i>Correio da Paraíba</i> ” - João Pessoa “ <i>Jornal da Paraíba</i> ” - Campina Grande
Pernambuco:	“ <i>Jornal do Comércio</i> ” - Recife
Piauí:	“ <i>O Dia</i> ” - Terezina
Rio Grande do Norte:	“ <i>Diário de Natal - O Poti</i> ” - Natal
Rio Grande do Sul:	“ <i>Diário Popular</i> ” - Pelotas “ <i>NH</i> ” - Novo Hamburgo
Rio de Janeiro:	“ <i>Diário de Petrópolis</i> ” - Petrópolis “ <i>Folha da Manhã</i> ” - Campos dos Goytacazes “ <i>Jornal do Brasil</i> ” - Rio de Janeiro
Rondônia:	“ <i>Diário da Amazônia</i> ” - Porto Velho
Santa Catarina:	“ <i>A Notícia</i> ” - Joinville “ <i>O Estado</i> ” - Florianópolis
São Paulo:	“ <i>A Tribuna</i> ” - Santos “ <i>Diário da Franca</i> ” - Franca “ <i>Diário de Bauru</i> ” - Bauru “ <i>Diário do Grande ABC</i> ” - Santo André “ <i>Diário do Povo</i> ” - Campinas “ <i>Diário de Sorocaba</i> ” - Sorocaba “ <i>Diário de Suzano</i> ” - Suzano “ <i>Gazeta Guaçuana</i> ” - Mogi Guaçu “ <i>Jornal da Região</i> ” - Catanduva “ <i>Jornal de Jundiaí Regional</i> ” - Jundiaí “ <i>O Comércio do Jahú</i> ” - Jaú “ <i>O Diário de Mogi</i> ” - Mogi das Cruzes “ <i>O Estado de S. Paulo</i> ” - São Paulo “ <i>O Impacto</i> ” - Mogi Mirim “ <i>O Imparcial</i> ” - Presidente Prudente “ <i>Todo o Dia</i> ” - Americana “ <i>Tribuna de Itapira</i> ” - Itapira

Sergipe: “Gazeta de Sergipe” - Aracajú
Tocantins: “Jornal do Tocantins” - Palmas

Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, Armando Nogueira integrou a equipe de esportes da Rede Bandeirantes de Televisão comentando o evento para o público da emissora.

O jornalismo esportivo incentivou Armando Nogueira a escrever sete livros, todos sobre futebol, sendo que dois foram realizados em parceria com outros autores:

NOGUEIRA, A.; NETTO, Araújo. **Drama e Glória dos Bicampeões**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

NOGUEIRA, A.; SOARES, J.; MUYLAERT, R. **A Copa que Ninguém Viu e a que não Queremos Lembrar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NOGUEIRA, A. **Bola na Rede**. São Paulo: José Olympio, 1974.

_____. **Bola de Cristal**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_____. **Na Grande Área**. Rio de Janeiro: Bloch Editora, 1966.

_____. **O Homem e a Bola**. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

_____. **O Vôo das Gazelas**. Rio de Janeiro Editora Civilização Brasileira, 1991.

“Acho que o esporte foi o universo mais propício para mim, porque ele contém um elemento de emoção que faz parte do meu ser. Sou emotivo. Comecei escrevendo como simples torcedor, como um homem de arquibancada, sem os condicionamentos éticos que a profissão viria a me impor, impedindo-me de usar o coração a serviço de meu ofício. Comecei a dar valor ao lado estético do futebol, mais do que seu lado emocional e passional. A moral de meu ofício não permitia que eu defendesse nas colunas do jornal a posição de torcedor. A ética passou a ser para mim uma lei fundamental. A partir daí, me preocupei com valores estéticos do futebol: passei a vê-lo como uma manifestação de arte. Já o lado humano do futebol nasceu para mim depois dessa descoberta estética. Eu via o jogador de

futebol acima de tudo como um artista: o homem se elevando à culminância da arte através do futebol. De volta ao Mundial de 54 é que comecei a entrar na intimidade pessoal de alguns jogadores da geração de 50. Então me fui dando conta que aqueles heróis tinham os seus pés de barro, eram seres humanos, em cuja alma se alternavam sentidos subalternos e nobres. Passei a levar em conta este lado humano. Ao mesmo tempo que exaltava as virtudes artísticas de cada um deles, tratava de considerar também, e de aceitar, a fragilidade humana de todos eles, antes de tudo seres humanos. Mas confesso que, de algum modo, nunca perdi um toque de romantismo na minha visão do esporte”.⁸⁸

Os textos de Armando Nogueira procuram, assim, valorizar o atleta como ser humano com erros e acertos. O atleta visto como alguém à procura da superação de seus limites, da afirmação pessoal.

Além de continuar publicando suas matérias em diversos jornais, entre eles “*O Estado de S. Paulo*”, Armando Nogueira também participa, como comentarista esportivo, do programa “*Apito Final*” da Rede Bandeirantes de Televisão, exibido quase todos os domingos, das 20h30 às 22 horas; e como apresentador e comentarista do programa “*Esporte Real*”, do canal por assinatura SporTV, que, com duração de 30 minutos, é exibido todas às sextas-feiras às 20h30, sendo reprisado aos sábados, à 1 hora da madrugada e às 15 horas, e às terças-feiras, às 7h30 da manhã.

3.2. Gêneros Jornalísticos

O jornal “*O Estado de S. Paulo*”, publica, todas às quartas e domingos, no caderno de esportes, o espaço intitulado “*Na Grande Área*”, em que o jornalista Armando Nogueira emite opiniões sobre os mais variados assuntos do esporte.

⁸⁸ NOGUEIRA, Armando. Op.cit., p. 14-15.

A estrutura da publicação de Armando Nogueira, com relação aos gêneros jornalísticos, foi analisada para definir qual conceito de caráter opinativo poderia ser emitido ao jornalista - cronista, comentarista, colunista ou mesmo articulista. A pesquisa serviu também para observar o(s) gênero(s) aplicado(s) pelo autor durante o ano de 1993, tomando como referencial a classificação de gêneros jornalísticos proposta pelo professor José Marques de Melo.⁸⁹

Foram analisados todos os textos, denominados aqui de Unidades Jornalísticas (UJs)⁹⁰ - num total de 105 (cento e cinco) - produzidos por Armando Nogueira e publicados pelo jornal “*O Estado de S. Paulo*” durante o ano de 1993.

Três gêneros foram encontrados na produção de Armando Nogueira durante o período estudado: a *coluna*, a *crônica* e o *comentário*. O tratamento diversificado dos temas proporcionou uma mescla no trabalho do autor. Ou seja, por o esporte possuir diversas modalidades - que ocorrem com frequência em face da quantidade de competições - o jornalista procurou transmitir as informações de forma variada e concisa, informando e refletindo sobre os mais diversos assuntos.

Gêneros Jornalísticos Opinativos de Armando Nogueira
(Quantidade de Unidades Jornalísticas por Gêneros)

GÊNERO	UJs	%
<i>Coluna</i>	86	82,0
<i>Comentário</i>	12	11,4
<i>Crônica</i>	7	6,6
TOTAL	105	100

⁸⁹ MELO, José Marques de. Op.cit.

⁹⁰ Unidade Jornalística (UJ) identifica cada publicação de Armando Nogueira no ano de 1993. Ver pesquisa similar em: MELO, José Marques de. **A identidade cultural brasileira na sociedade globalizada - Estudo exploratório das imagens do Natal na mídia paulistana**. In: Coleção Relatos de Pesquisa. São Bernardo do Campo: UMESP, 1996.

Quando as informações eram muitas, Armando Nogueira utilizava-se da *coluna* como forma de trazer os fatos à tona. A reflexão do autor, assim, não se centraliza apenas num único assunto, mas em vários. O jornalismo opinativo é relatado em todos os textos, mesmo na exposição de notas informativas, normalmente intituladas de PASSAPORTE. Armando demonstra claramente suas convicções durante todo o tempo, sem deixar de lado a informação. Nos 105 (cento e cinco) textos analisados, foram encontrados 86 (oito e seis) colunas, ou seja, aproximadamente, 82% (oitenta e dois por cento) do total.⁹¹

O *comentário* foi o segundo gênero mais praticado pelo jornalista. Foram 12 (doze) textos, ou seja, aproximadamente 11,4% (onze/quatro por cento). A introdução deste gênero foi possível porque o jornalista desejava elaborar análises sobre fatos específicos que estavam ocorrendo. Assuntos atuais, como peculiaridades do esporte (regras e jogadores) e jogos da seleção brasileira de futebol, conduziram os comentários do jornalista. A reflexão do acontecimento mostrava-se como um modo ilustrativo de explicar e esclarecer alguma notícia.⁹²

A *crônica* se define como “*relato poético do real*”⁹³. O uso do conceito estabelece uma ligação orgânica entre o jornalismo e a literatura. Ao traduzir a notícia de forma literária, Armando Nogueira buscou fatos do passado para exaltar um tema ou um personagem. A proximidade com o assunto, mostrada por suas lembranças, marcou o texto de sensibilidade e saudosismo. Desta forma, o jornalista descreveu as disputas históricas da seleção brasileira de futebol contra o rival Uruguai; contou uma estória de um torcedor fanático por futebol (Seu Eurico, um botafoguense fanático) e relatou sua admiração e respeito por personagens como Otto Lara Resende, Mané Garrincha e Assis Chateaubriand. Foram 7 (sete) crônicas no total, aproximadamente 6,6%.⁹⁴

⁹¹ Ver UJ1, UJ2, UJ3, UJ5, UJ6, UJ8, UJ9, UJ10, UJ11, UJ12, UJ13, UJ14, UJ15, UJ16, UJ17, UJ18, UJ19, UJ20, UJ21, UJ22, UJ23, UJ24, UJ25, UJ26, UJ27, UJ29, UJ30, UJ31, UJ32, UJ33, UJ34, UJ35, UJ36, UJ37, UJ38, UJ39, UJ40, UJ41, UJ42, UJ43, UJ44, UJ45, UJ46, UJ47, UJ48, UJ49, UJ50, UJ52, UJ54, UJ55, UJ57, UJ58, UJ61, UJ62, UJ63, UJ64, UJ70, UJ72, UJ73, UJ74, UJ75, UJ76, UJ77, UJ79, UJ80, UJ81, UJ82, UJ83, UJ85, UJ86, UJ88, UJ89, UJ91, UJ93, UJ94, UJ95, UJ96, UJ97, UJ98, UJ99, UJ100, UJ101, UJ102, UJ103, UJ104 e UJ105.

⁹² Ver UJ51, UJ53, UJ59, UJ60, UJ66, UJ67, UJ69, UJ71, UJ78, UJ87, UJ90, e UJ92.

⁹³ MELO, José Marques de. Op.cit., 1985 p. 162.

⁹⁴ Ver UJ4, UJ7, UJ28, UJ56, UJ65, UJ67 e UJ84.

A *coluna* foi o gênero jornalístico mais utilizado por Armando Nogueira em seus textos no jornal “*O Estado de S. Paulo*”, durante o ano de 1993. Por isso, pode-se definir o autor como *colunista*, no presente estudo. Como já foi dito, a *coluna* foi o gênero mais aplicado, devido à quantidade de informações que o jornalista desejou transmitir ao leitor. Já o *comentário* e a *crônica* foram gêneros utilizados apenas em ocasiões específicas. No caso do *comentário*, quando o assunto em pauta estava próximo ao período da publicação do texto e, no caso da *crônica*, quando o tema ou personagem merecia um destaque mais elaborado, feito de forma mais literária.

3.3. Principais Temas

Vários temas foram abordados por Armando Nogueira em suas publicações no ano de 1993. A produção estava voltada ao esporte e as mais variadas modalidades esportivas foram destacadas por Armando Nogueira, entre elas, o futebol, o basquete, o tênis, o vôlei, o automobilismo, o atletismo, o pólo a cavalo, o futebol americano, o judô. Todavia, quando algum assunto fora do meio esportivo mereceu destaque, Armando Nogueira não hesitou em abrir seu espaço para publicar alguma mensagem, como ficou evidente quando o autor construiu crônicas para homenagear alguns “mestres” do jornalismo brasileiro, como Otto Lara Resende e Assis Chateaubriand.

Como a maioria dos textos foi publicada sob a forma de *coluna* e, desta forma, possuía muitas informações sobre os mais variados assuntos, detectou-se que a primeira matéria, ou seja, a que abria o texto, mereceu maior destaque do autor. Procurou-se então classificar os assuntos conforme sua ocorrência na abertura do texto, determinando o tema pela modalidade esportiva, quando o assunto era esporte, e criando a categoria “outros” para os demais. A classificação pela matéria de abertura proporcionou uma melhor compreensão do trabalho de Armando Nogueira.

Principais Temas de Armando Nogueira
(Quantidade de Unidades Jornalísticas por Tema)

TEMA	UJs	%
<i>Futebol</i>	88	83,85
<i>Automobilismo</i>	4	3,80
<i>Atletismo</i>	2	1,90
<i>Basquetebol</i>	2	1,90
<i>Tênis</i>	2	1,90
<i>Futebol americano</i>	1	0,95
<i>Judô</i>	1	0,95
<i>Pólo a cavalo</i>	1	0,95
<i>Vôlei</i>	1	0,95
<i>Outros</i>	3	2,85
TOTAL	105	100

Dos 105 (cento e cinco) textos analisados, 88 (oitenta e oito) iniciaram a matéria falando sobre *futebol*, incluindo três textos em que o autor relacionou o futebol com outros esportes. Nos três textos, Armando Nogueira abordou o esporte em geral, sendo que o primeiro (UJ19) foi sobre as transmissões do esporte pela televisão, destacando o futebol e o vôlei; o segundo (UJ90) foi uma reflexão sobre a psicologia no esporte, tendo como base o voleibol, o futebol e o tênis; e o terceiro (UJ104) foi um retrospecto dos principais acontecimentos esportivos no ano, com destaque para o futebol, o vôlei, o basquete, o atletismo e a natação. Em aproximadamente 84% dos textos⁹⁵, o futebol iniciou o trabalho de Armando Nogueira, restando apenas 16% (aproximadamente) para as demais modalidades e/ou assuntos.

Dos 17 (dezessete) textos restantes, 14 (quatorze) estavam vinculados a *outros esportes*, sendo que quatro (UJ26, UJ27, UJ32 e UJ38) se relacionavam com o *automobilismo*; dois (UJ14 e UJ79) com o *basquete*; dois (UJ30 e UJ55) com o *tênis*; dois (UJ8 e UJ24) com o *atletismo* (incluindo o texto sobre o potencial do atleta brasileiro, com

⁹⁵ Ver UJ1, UJ2, UJ3, UJ5, UJ6, UJ7, UJ9, UJ10, UJ12, UJ13, UJ15, UJ16, UJ17, UJ18, UJ19, UJ20, UJ21, UJ22, UJ23, UJ25, UJ29, UJ31, UJ33, UJ34, UJ35, UJ36, UJ39, UJ40, UJ41, UJ42, UJ43, UJ44, UJ46, UJ47, UJ48, UJ49, UJ50, UJ51, UJ52, UJ53, UJ54, UJ56, UJ57, UJ58, UJ59, UJ60, UJ61, UJ62, UJ63, UJ64, UJ65, UJ66, UJ67, UJ68, UJ69, UJ70, UJ71, UJ72, UJ73, UJ74, UJ75, UJ76, UJ77, UJ78, UJ81, UJ83, UJ84, UJ85, UJ86, UJ87, UJ88, UJ89, UJ90, UJ91, UJ92, UJ93, UJ94, UJ95, UJ96, UJ97, UJ98, UJ99, UJ100, UJ101, UJ102, UJ103, UJ104 e UJ105.

referência também ao automobilismo - UJ24); um (UJ11) com o *futebol americano*; um (UJ45) com o *vôlei*; um com o *pólo a cavalo* (UJ80) e um (UJ82) com o *judô*.

Três textos foram classificados como *outros* porque mostravam assuntos não vinculados ao esporte. Dois deles homenagearam *personagens do jornalismo* - Otto Lara Resende (UJ4) e Assis Chateaubriand (UJ28) e um descreveu uma *viagem de avião de Armando Nogueira* para o Rio de Janeiro em que gaivotas prejudicaram o vôo. O autor diz que foi o avião que prejudicou o vôo das gaivotas (UJ37).

O *futebol* foi tema de abertura de 84% da produção de Armando Nogueira no ano de 1993. O dado evidencia que o *futebol* foi o principal tema exaltado e analisado pelo autor. O conceito da pesquisa, por abertura de matéria, demonstra o objetivo do autor em sempre iniciar seu texto com temas relacionados ao futebol. Tornou-se necessário realizar um estudo específico sobre os textos relacionados ao futebol, descobrindo assim qual a intenção do autor em privilegiar este tipo de modalidade esportiva.

3.4. Abordagem Sobre Futebol

O *Futebol-arte* remete ao jogo como espetáculo, caracterizado pelo desenvolvimento individual e coletivo de uma equipe. Como ritual da cultura popular e de massa no Brasil, o futebol somente atinge o nível de espetáculo quando está devidamente organizado - dentro e fora do campo. Governo, dirigentes, árbitros, técnicos, jogadores, torcedores e jornalistas têm assim a função de denunciar os “abusos” que prejudicam o futebol brasileiro. As opiniões e iniciativas são válidas em todos os sentidos. Do governo surgiram algumas leis (Leis organizacionais, como a Lei Zico e Lei Pelé), dos dirigentes a organização externa do jogo (condições mínimas de trabalho para os jogadores: salários, calendário, assistência médica e psicológica, entre outras), dos árbitros (o combate à violência punindo os atletas e coadjuvantes pelos abusos dentro de campo), dos técnicos (estimulando os atletas a praticarem o “jogo limpo”, sem violência e voltando suas equipes sempre para o ataque, para o feitiço de gols) e dos jogadores (a consciência do “jogo limpo”, respeitando o adversário), da torcida (incentivando os atletas de habilidade e as equipes que

não praticam o jogo violento para vencer uma partida), dos jornalistas (informando a desorganização, emitindo opiniões e estimulando iniciativas que auxiliem na divulgação do futebol como espetáculo esportivo).

De Mário Filho a Armando Nogueira, jornalismo e futebol estão interligados no Brasil. A finalidade é divulgar o futebol como espetáculo da cultura popular e de massa. De Mário, relatamos a história, de Armando, apresentamos o presente estudo.

O principal tema na abertura das matérias de Armando é o futebol, como foi mostrado no capítulo anterior. Assim, alguns conceitos e sugestões do autor sobre futebol foram analisados por meio da exposição teórica inicial caracterizada pelo binômio *Futebol-arte / Futebol-força*. Tomando esse eixo-temático como referência hegemônica, vamos analisar a seguir a ênfase que lhe concede Armando Nogueira na amostra selecionada para a pesquisa.⁹⁶

Futebol-arte / Futebol-força

O jogador habilidoso é essencial para o espetáculo. O futebol brasileiro é marcado pelo jogo limpo e pela criatividade de seus jogadores. O autor exalta sempre os personagens e artistas que simbolizam o espetáculo. Assim, Armando Nogueira valorizou as *equipes* e os *jogadores* que apresentaram, dentro de campo, um estilo voltado ao *Futebol-arte*.⁹⁷

ROMÁRIO

“E não é que o rapaz tinha razão? Ele é, mesmo, muito melhor que os outros. Domingo, reviveu Pelé. Pelé, sim senhor. Nem mais, nem menos.

⁹⁶ A metodologia aqui utilizada se fundamentou em pesquisa similar realizada pelo professor José Marques de Melo sobre o natal brasileiro.
MELO, José Marques de Melo. Op.cit. 1996.

Anotei instantes que me arrebataram. Seis tesouros que Romário ofereceu ao patrimônio romântico do Maracanã “. (UJ77)

GARRINCHA

“Driblar, como o vi driblar, tendo o ombro enfaixado, o braço imobilizado, a clavícula luxada - e driblar como ninguém - eis um mistério de Garrincha que ninguém ousa explicar.

Driblar e driblar com tanta graça e alegria - eis o mistério de Garrincha que só Deus pode explicar”. (UJ7)⁹⁸

O *profissionalismo* é fundamental para o atleta no futebol. A infra-estrutura dos clubes e das confederações nacionais, no caso das seleções, auxilia o jogador no exercício da atividade. Assim, o profissional se conscientiza de suas funções, dentro e fora do campo. Para o autor, a preparação física, psicológica, os treinos táticos e técnicos, os salários em dia, desenvolvem o potencial dos jogadores. Sendo assim, a falta de preparação adequada prejudica uma equipe dentro de uma competição.⁹⁹

“Poucos times eu tenho visto com a consciência técnica, tática e psicológica do São Paulo. A maturidade da equipe aflora, admirável, em qualquer canto do campo. Sem falar do estado físico, irrepreensível...

Se o time do São Paulo não sair, hoje, campeão sul-americano, lá no Chile, de duas uma: ou o General Pinochet virou a mesa, de novo, ou então a Cordilheira dos Andes, ensandecida, inundou de vez o Estádio Nacional”. (UJ43)

O *Futebol-arte* está sendo ensinado no mundo todo. Equipes com jogadores habilidosos ajudam a divulgar o esporte. A exportação de craques e treinadores talentosos

⁹⁷ Ver UJ1, UJ5, UJ7, UJ12, UJ18, UJ20, UJ23, UJ24, UJ33, UJ34, UJ36, UJ40, UJ41, UJ42, UJ43, UJ45, UJ46, UJ53, UJ54, UJ58, UJ61, UJ71, UJ73, UJ74, UJ77, UJ81, UJ100, UJ101, UJ102 e UJ104.

⁹⁸ CASTRO, Rui. **Estrela Solitária. Um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁹⁹ Ver UJ2, UJ5, UJ29, UJ43, UJ46, UJ51, UJ57, UJ58, UJ90, UJ95, UJ97, UJ102 e UJ104.

para equipes estrangeiras que disputam importantes campeonatos em diversos lugares do planeta, é essencial para divulgar o jogo como espetáculo. A *globalização* no futebol desenvolve o esporte e equilibra as competições.¹⁰⁰

“Por que será que a seleção nacional francesa continua a jogar tão mal, enquanto os times de nossos clubes conseguem jogar tão bem?”

A resposta é elementar. Valdo, Ricardo Gomes, Mozer serão, por ventura, esses craques cidadãos franceses? E os africanos, todos bons de bola, que jogam pelos Olimpíques da vida? E os escandinavos, os búlgaros, os iugoslavos, espalhados por tantos clubes franceses? É tudo sangue de fora. São profissionais de outras paróquias que apenas alugam aos clubes o suor de seu talento”. (UJ3)

Regulamentos ou campeonatos com problemas de organização são prejudiciais ao espetáculo e ao público. O autor realça que excesso de jogos, os estádios e gramados mal conservados, equipamentos sem qualidade, por exemplo, prejudicam os profissionais do futebol, principalmente os jogadores. Por isso, o *calendário* e as *condições de trabalho* são discutidos e elaborados por dirigentes das entidades esportivas representativas dos clubes e dos jogadores. Por ser uma instituição autônoma, em especial quanto à organização, as entidades esportivas (federações ou confederações) representam seus associados (clubes), estruturando os campeonatos de maneira igualitária, sem prejudicar nenhum associado. Os clubes e as federações e / ou confederações necessitam de dirigentes que administrem profissionalmente o futebol, pois assim os negócios dos clubes e das federações são realizados de forma clara, com o conhecimento dos detalhes pela opinião pública. Preservar o patrimônio dos clubes e associações, formado pelo material humano e físico, também é uma obrigação dos dirigentes.¹⁰¹

“Maldito calendário que mortifica o nosso futebol. Os clubes aí estão, todos eles sufocados de torneios, caindo pelas tabelas. O Flamengo e

¹⁰⁰ Ver UJ3, UJ5, UJ24, UJ88, UJ101 e UJ104.

o São Paulo interam, nos próximos dias, 100 partidas em onze meses. É claro que acabam sobrando cacos para a seleção.

Não adianta reclamar. Quem monta o calendário do futebol brasileiro é uma tal Mãe Joana, de paradeiro ignorado”. (UJ93)

O autor alerta que o futebol, bem como seus documentos, precisa ser preservado e respeitado pelos órgãos oficiais e privados. Segundo a Constituição, *o futebol é patrimônio cultural brasileiro* - Art. 216; Capítulo III; Seção II da Constituição.¹⁰²

“É constrangedor o descaso do Brasil pelo seu passado. Tem sido assim em todos os campos da vida brasileira. No futebol, então, já cometemos desleixos imperdoáveis. estou sabendo, agora, que a má conservação estragou, na Bandeirantes, algumas fitas com os gols históricos de Pelé. Dos mil, teria sobrado pouca coisa... Quem viu, viu. Quem não viu que vá se queixar ao bispo.

Pior fizeram com o mundial de 70, na Globo. Simplesmente foram apagadas as fitas de todos os jogos do Brasil... O indivíduo apronta uma monstruosidade de destruir uma memória histórica e fica por isso mesmo”. (UJ10)

A disputa pela vitória aumenta a dinâmica no futebol. A tradição entre equipes conduz à rivalidade e ao respeito mútuo, fatores que enobrecem o esporte. A *competição* faz parte de um espetáculo, a violência não.¹⁰³

“Brasil e Argentina jogam amanhã. É festa, sabemos todos, mas prepare os nervos, leitor, porque na história do futebol, nada se compara, em termos de emoção, um jogo entre esses dois expoentes da escola sul-americana. O repertório de ações coletivas é sempre farto e variado. A

¹⁰¹ Ver UJ6, UJ9, UJ13, UJ20, UJ22, UJ23, UJ29, UJ33, UJ44, UJ45, UJ48, UJ64, UJ65, UJ70, UJ85, UJ91, UJ92, UJ93, UJ99 e UJ101.

¹⁰² Ver UJ10 e UJ33.

¹⁰³ Ver UJ15, UJ16, UJ39, UJ43, UJ48, UJ52, UJ57, UJ58, UJ59, UJ66, UJ67, UJ70, UJ74, UJ75, UJ76 e UJ101.

disputa é empolgante. A técnica individual, sempre refinada. Quando a coisa não deságua na violência, brasileiros e argentinos conseguem elevar o futebol às culminâncias da arte”. (UJ15)

*O futebol não tem lógica. Nos campeonatos ou torneios de futebol, nem sempre o melhor ou o time favorito é o vencedor. Todavia, a performance da equipe que desenvolve um futebol mais prático, seja campeão ou não, é sempre elogiada por torcedores e críticos, pois um time que busca o ataque, busca a vitória. O futebol, como desporto, remete ao ideal de que não há vencidos, nem vencedores. Na disputa sincera todos saem vencedores, pois são personagens do espetáculo.*¹⁰⁴

“Telefona uma tnhosa repórter de rádio. Quer por que quer ouvir minha opinião: quem será o campeão brasileiro de 93? Saio de fininho. Ela invoca minha experiência de quase meio século metido no futebol. Digo-lhe que é, precisamente, a voz da experiência que me manda calar. A luz do entendimento, como diz o poeta, fez de mim uma criatura muito comedida. Além do que o futebol pode se gabar de ser o jogo que mais desaponta os doutores e os professores(...)

Tanto o Vitória como o Flamengo têm empolgado os estádios com exemplos de técnica e brio. De destemor e de competência. O futebol brasileiro pode tirar o chapéu. Os dois já deram ao campeonato a dimensão nacional que parecia comprometida com a chegada maciça de times paulistas à etapa decisiva. Uma boa lição para todos os videntes. Profetas de meia tigela que teimam em esnober a fascinante incerteza do futebol”. (UJ98)

A consciência do profissional também é fundamental para a manutenção do espetáculo. O aperfeiçoamento e o cumprimento das regras elevam o nível do espetáculo e

¹⁰⁴ Ver UJ17, UJ31, UJ46, UJ50, UJ51, UJ54, UJ72, UJ73, UJ91, UJ94, UJ96, UJ98, UJ99, UJ100, UJ101, UJ102 e UJ105.

combatem a violência. Juizes, técnicos e principalmente jogadores precisam estar atentos ao regulamento do jogo de futebol.¹⁰⁵

“Pelo raro brio. Pela correção. Jamais recebeu uma advertência de qualquer árbitro. Foi a versão carioca de Júlio Botelho, outra carreira de espartano invejável. Os dois nunca receberam sequer um puxão de orelha. Nem de juiz, nem de cartola, e menos ainda da torcida”. (UJ33)

Os veículos de comunicação de massa, como a televisão, o rádio e o jornal, do mesmo modo que a propaganda e o marketing, são elementos fundamentais para o crescimento e *divulgação do espetáculo*. A qualidade da informação e da transmissão é fundamental para o fortalecimento do esporte.¹⁰⁶

“E a velha instituição abençoada por Deus, parece, hoje, fadada ao infortúnio. Um casamento, porém, vai se impondo ao nosso tempo: televisão e esporte. Um nasceu para o outro. Unidos por laços indissolúveis. Admirável aliança que nos permite ver e rever, em tempo real e em câmera-lenta, lances como o gol de Júnior no Fla-Flu de domingo. Um momento de perfeita harmonia: corpo e bola em movimento, realizando gesto do gol irretocável. Antes da tevê, o gol, bonito que fosse, morria no instante mesmo da criação. Depois virava mera fantasia de torcedor”. (UJ35)

A droga é prejudicial ao esporte. O exame antidoping é necessário para evitar os abusos em relação ao futebol. Uma atitude antidesportiva como o doping pode prejudicar a imagem do sportista, do esporte, e servir de exemplo negativo para a juventude.¹⁰⁷

“Hoje, ou em qualquer campo do esporte-negócio, a pressão do dinheiro é brutal. O atleta é dopado sem saber. Toma uma laranja com

¹⁰⁵ Ver UJ17 e UJ33.

¹⁰⁶ Ver UJ10, UJ19, UJ35, UJ62, UJ63 e UJ94.

¹⁰⁷ Ver UJ21 e UJ35.

anfetamina, na maior inocência. Uma boa dose de testosterona no suco de fruta pode valer por um recorde”. (UJ21)

O profissionalismo de um clube ou seleção requer um *trabalho de continuidade*. A demissão prematura de técnicos prejudica o rendimento de uma equipe e abala psicologicamente os atletas. Um clube ou seleção deve primeiro dar condições de trabalho ao treinador, para depois julgar sua capacidade. Um técnico capacitado e consciente, que combate a violência acima de tudo e aplica os princípios do *Futebol-arte*, deve dispor de tempo para preparar a equipe e mostrar seu trabalho. O técnico é o professor, o jogador é o aluno.¹⁰⁸

“O Flamengo despede seu treinador, o doce Carlinhos, herói de tantos títulos, dentro e fora do campo. É a dança sinistra dos treinadores de futebol no Brasil. Que, infelizmente, se dividem em duas categorias: os que acabam de ser demitidos e os que serão demitidos”. (UJ22)

Assim como o jornalismo, a *literatura* é fundamental para a divulgação do futebol como esporte popular e de massa. Grandes jornalistas e escritores, como Nelson Rodrigues, João Saldanha, Abel Silva, entre outros, relatam estórias e histórias que foram fundamentais para a caracterização do futebol como elemento da cultura nacional. Torcedores e profissionais do futebol são sempre exaltados em seus textos, como personagens do espetáculo. As reflexões demonstram o amor e o conhecimento do escritor pelo futebol, como esporte e como paixão popular (torcida).¹⁰⁹

“Sai, pela Companhia das Letras, mais um livro de Nelson Rodrigues. Agora, sobre futebol: À Sobra das Chuteiras Imortais, organizado pelo escritor e jornalista, Ruy Castro, PHD em matéria de Nelson Rodrigues. Coube-me escrever a orelha do livro. São crônicas geniais. Achados soberbos e metáforas primorosas de alguém que sempre

¹⁰⁸ Ver UJ16, UJ22, UJ33, UJ40, UJ57, UJ59, UJ78 e UJ83.

adjetivou com ousadia, graça e propriedade. Nelson exaltou, como ninguém, as conquistas de 58, 62 e 70, consagrando a Seleção como a encarnação da própria pátria. Ele gostava de proclamar: ‘Graças a Deus, não entendo de futebol!’

Nelson Rodrigues era um torcedor incomparável. Dominava a arte de escrever, com a qual retocou as grandes vitórias da Seleção Brasileira”.
(UJ61)

O jogo *sem criatividade*, sem gols, voltado à retransmissão e/ou à violência deve ser combatido e criticado. O jogo baseado nos princípios do *Futebol-força* prejudica o espetáculo e espanta o público dos estádios. Uma equipe - em certos casos, o treinador que escala o time - que coloca o jogador violento ou sem criatividade no lugar do craque é sempre criticado pelo autor por não exaltar o espetáculo.¹¹⁰

“...O brasileiro sempre foi exigente com a seleção. É o seu bem maior. Pura encarnação do Futebol-arte que o mundo sempre reverenciou. A história ensina que à seleção não basta vencer. É preciso jogar bonito. Afinal a seleção é a elite do futebol brasileiro. O drama da atual equipe nacional é que ela perde, empata e vence, sempre jogando feio. De cara fechada. Sem um pingão de graça”.(UJ69)

O *torcedor* é elemento fundamental do espetáculo. Ele tem o direito de torcer por qualquer time. Reclamar e vaiar uma equipe que não pratica o futebol ofensivo, que não busca os gols, que não tem jogadores talentosos, porque o espetáculo sugere gols. Todavia, o torcedor violento deve ser punido ou banido dos estádios, pois a violência não faz parte do conjunto do espetáculo. As manifestações devem ser alegres, possuírem coreografia, mantendo sempre o respeito entre as torcidas adversárias.¹¹¹

¹⁰⁹ Ver UJ31, UJ40, UJ49, UJ50, UJ56, UJ60, UJ61, UJ69, UJ75, UJ76, UJ84, UJ86, UJ87, UJ88, UJ97, UJ102, UJ103 e UJ104.

¹¹⁰ Ver UJ50, UJ59, UJ60, UJ61, UJ62, UJ63, UJ64, UJ65, UJ66, UJ67, UJ68, UJ69, UJ85 e UJ94.

¹¹¹ Ver UJ12, UJ31, UJ56, UJ62, UJ68, UJ69, UJ76, UJ84, UJ86 e UJ88.

“Ser mãe é desdobrar, fibra por fibra, o coração. O verso famoso, que glorifica a figura da mãe, cai como uma luva: torcer também é desdobrar, fibra por fibra, o coração. Como qualquer mãe, o torcedor de futebol ama incondicionalmente. É capaz de passar, sem tomar fôlego, da vaia ultrajante ao aplauso mais deslavado...”(UJ56)

CAPÍTULO 4

TELÊ SANTANA E O FUTEBOL-ARTE

4.1. Perfil Biográfico¹¹²

Telê Santana Silva nasceu em 26 de julho de 1931 em Itabirito (MG). Filho de Dona Corina e seu João Veríssimo, conhecido como seu Zico (ambos já falecidos), Telê é o terceiro filho de uma família de dez irmãos - Jorivê (já falecido), Atiê, Goethê, Hervê, Clodovê, Dalva, Alva, Lindalva e Marialva.

Casado com Dona Ivonete Carvalho Silva, desde de 1953, possui dois filhos: Sandra, nascida em 06 de junho de 1954 (dois filhos, Bruno e Mariana) e Renê, nascido em 21 de agosto de 1956 (dois filhos, Diogo e Camila).

No futebol, iniciou a carreira de jogador ainda adolescente como amador no time do Itabirense, de Itabirito (MG), time rival do União, da mesma cidade. Na mesma época, defendeu uma seleção de jogadores amadores do interior de Minas Gerais, jogando como centroavante.

Telê morava com sua tia Nia em Itabirito. Só que com 17 (dezessete) para 18 (dezoito) anos, foi morar com os pais em São João Del Rey (MG), após a morte da tia. Jogou no time amador da cidade - o América Recreativo, fundado por seu pai.

¹¹² O perfil biográfico de Telê Santana foi esboçado a partir do trabalho de CANAL, José Carlos Teixeira. **Telê Santana: o futebol como missão.** [TCC] São Paulo: ECA/USP, 1994.

O jogador

Foi na América que Telê se destacou. Seu futebol chamou a atenção de Seu Aminthas Novaes, gerente do Banco do Brasil de São João Del Rey, que conseguiu arrumar um teste no Fluminense. Antes de ser aprovado definitivamente no clube carioca, Telê já havia participado, sem sucesso, de testes no Vasco da Gama e no Botafogo, ambos no Rio de Janeiro.

No juvenil do Fluminense atuava como centroavante, tendo feito, já no primeiro treino, cinco gols. Foi campeão carioca juvenil em 1950 e entrou para o time principal, já na temporada de 1951. No mesmo ano, Telê conquistou o primeiro título como profissional - o campeonato carioca, tendo marcado dois gols na final contra o Bangu. O time campeão era formado por Castilho; Píndaro e Pinheiro; Vítor, Édson e Lafaiete; Lino, Orlando, Telê, Didi e Robson.

Telê foi titular pelo Fluminense por onze anos consecutivos, tendo conquistado o título de campeão carioca em 1959 e do Torneio Rio-São Paulo em 1957 - o primeiro de um time carioca - e o de 1959. Recebeu da torcida tricolor o apelido de *Fio da Esperança*. *Fio* pelos seus 57 (cinquenta e sete) quilos e *Esperança* por seus atributos como jogador, marcando gols sempre no final das partidas.

Permaneceu no clube até 1962, quando se transferiu para o Guarani de Campinas, treinado pelo amigo Elba de Pádua Lima, o Tim. No time paulista jogou de abril de 1962 a março de 1963. Em julho do mesmo ano foi jogar no Madureira, time pequeno do Rio de Janeiro, tendo marcado o gol mais bonito de sua carreira, ao encobrir o lendário goleiro Castilho, num jogo contra o próprio Fluminense. Mesmo derrotado - o resultado do jogo foi dois a um (2 x 1) para o Flu, Telê foi cumprimentado por todos - pelo gol marcado e por ter evitado um gol de Escurinho em cima da linha.

O contrato com o Madureira terminou em julho de 1964, quando Telê já pensava em abandonar a carreira de jogador. Todavia, um pedido do técnico e amigo Zezé Moreira o fez retornar ao futebol um ano depois. Foi jogar no Vasco do Gama, onde assinou um contrato por três meses. Em 31 de dezembro de 1965, Telê Santana Silva encerrou a carreira de jogador, sem nunca ter vestido a camisa da Seleção Brasileira de Futebol. Na época, o Brasil contava com Mané Garrincha, Julinho Botelho e Maurinho, jogadores excepcionais, que não deram chance a Telê na seleção. Somente atuou no selecionado Carioca - vice-campeã brasileira em 1952 e 1956.

O treinador

A carreira de treinador começou na equipe infanto-juvenil do Fluminense em 1967, ano em que conquistou o primeiro título como treinador - campeão carioca infanto-juvenil. Em 1968, foi novamente campeão pelo Fluminense, conquistando o campeonato carioca juvenil. No mesmo ano, comandou o time profissional por duas vezes, como técnico interino, tendo conquistado a Taça Guanabara, título relativo ao primeiro turno do campeonato carioca. A conquista do vice-campeonato carioca - vencido pelo Botafogo - valeu a Telê Santana a confirmação como treinador efetivo no Fluminense. No primeiro ano, como treinador do time profissional, conquistou o título de campeão carioca de 1969.

Em janeiro de 1970, Telê deixou o Fluminense e foi treinar o Atlético Mineiro. O Galo não era campeão desde 1965, perdendo títulos seguidamente para o rival Cruzeiro, time que não conseguia vencer desde a inauguração do Mineirão, em setembro de 1965. No primeiro ano de Telê, o Atlético garantiu o título mineiro com três rodadas de antecipação, tendo quebrado o tabu diante do Cruzeiro, ao vencer o rival logo no primeiro turno por dois a um (2 x 1), no Mineirão. No ano seguinte, o treinador levou o Atlético à conquista do maior título de sua história - o de primeiro campeão brasileiro oficial de futebol. No final de 1972, o trabalho do técnico começou a receber críticas, culminando com sua saída do clube.

No dia 29 de dezembro de 1972, Telê assinou contrato com o São Paulo Futebol Clube, recebendo cerca de quinze mil cruzeiros mensais. Permaneceu no clube por apenas seis meses, saindo por desentendimento com alguns jogadores, entre eles os ídolos Toninho Guerreiro e Pedro Rocha.

O treinador voltou ao Atlético Mineiro em julho de 1973. O sucesso, porém não aconteceu como em 1970 e 1971. O Galo não ganhou nada e Telê pediu demissão no final de outubro de 1975, novamente em colisão com as estrelas do time, Romeu e Campos.

No início de 1976, Telê começou a treinar o Botafogo (RJ). Assinou contrato por seis meses, mas trabalhou apenas três. O time não conquistava título há oito anos. Sendo assim, qualquer treinador que não vencesse era demitido.

Em setembro do mesmo ano, Telê foi treinar o Grêmio de Porto Alegre (RS). A situação era semelhante à vivida no Atlético. O Grêmio não conquistava o título gaúcho há oito anos, todos ganhos pelo rival Internacional. No ano seguinte, Telê venceu o primeiro Gre-Nal por três a um (3 x 1), com apenas 10 (dez) jogadores, além de conquistar o título gaúcho de 1977.

Em fevereiro de 1979, assumiu a direção do Palmeiras. O time chegou às finais do campeonato paulista daquele ano, perdendo nas semifinais para o Corinthians, numa tramóia do presidente corintiano Vicente Matheus, que paralisou o campeonato, alegando que o seu clube seria prejudicado. Matheus venceu na Justiça Comum e o campeonato foi interrompido, recomeçando somente em fevereiro. O episódio prejudicou o embalado Palmeiras, que não conseguiu recuperar o ritmo que vinha jogando. O Corinthians acabou campeão, depois de vinte e três anos sem título.

A seleção brasileira

Ainda em dezembro, antes da final do Campeonato Paulista, Telê Santana foi escolhido o melhor técnico do país, numa pesquisa realizada pelo jornal “*O Estado de S. Paulo*”. Sensível à opinião pública, o então diretor da Confederação Brasileira de Futebol - CBF, Medrado Dias, convidou o técnico para assumir o comando do selecionado nacional. No dia cinco de fevereiro de 1980, o mesmo diretor anunciou a indicação de Telê Santana como treinador exclusivo da seleção brasileira de futebol, notícia confirmada oficialmente no dia quatorze do mesmo mês.

O treinador assinou contrato no dia primeiro de março e no início de abril convocou o time pela primeira vez. Realizou dez amistosos naquele ano, perdendo apenas por dois a um (2 x 1) para a extinta União Soviética. No final de 1980, o técnico conseguiu alcançar a credibilidade da opinião pública após as excelentes exibições contra a Argentina e a Alemanha no Mundialito, realizado no Uruguai. Mesmo perdendo a final para os anfitriões do torneio, o técnico e a seleção saíram fortalecidos.

Em 1981, o Brasil disputou as eliminatórias para a Copa do Mundo de 1982, na Espanha. A seleção conquistou a vaga sem dificuldades após vencer a Bolívia e a Venezuela. Venceu as quatro partidas, marcou 11 (onze) gols e sofreu apenas 2 (dois).

Em maio do mesmo ano, a seleção disputou três amistosos na Europa, preparativos para o torneio na Espanha. Venceu os três de forma excepcional -um a zero (1 x 0), contra a Inglaterra, em Wembley; três a um (3 x 1), contra a França, em Paris e dois a um (2 x 1) contra a Alemanha, em Stuttgart.

O Brasil retorna ovacionado pelos europeus, trazendo de volta o prestígio e o reconhecimento do futebol brasileiro:

“*Um futebol de dar água na boca*”. (do jornal londrino “*Daily Express*”)

“*É a melhor seleção brasileira que o Brasil montou desde que Pelé parou de jogar*”. (Bobby Moore, capitão da seleção inglesa em 1966)

“Telê busca a verdade brasileira em termos de futebol. Coutinho errou ao tentar europeizar o futebol brasileiro. Telê fez voltar a alegria”. (Bern Linnhoff, analista da agência de notícias alemã DPA).

Na Copa, o Brasil arrasa os seus adversários: dois a um (2 x 1), contra a URSS; quatro a um (4 x 1) contra a Escócia; cinco a zero (5 x 0) contra a Nova Zelândia na primeira fase e três a um (3 x 1) contra a Argentina, já nas semifinais. O Brasil encanta a imprensa estrangeira.

No jogo seguinte contra a Itália, o desastre acontece. A seleção perde por três a dois (3 x 2), na chamada Tragédia de Sarriá, nome do estádio onde se realizou a partida em Barcelona.

Telê saiu desgastado da Copa do Mundo e com a fama de *pé frio*. Pediu demissão do cargo de técnico da seleção brasileira em vinte e nove de setembro de 1982. Logo depois, o técnico vai para a Arábia Saudita, treinar o time do Al Ahli, jurando nunca mais voltar a treinar a seleção brasileira. No Oriente Médio, Telê conquistou três títulos para os árabes - Copa do Rei (1983), Campeonato Árabe (1984) e Copa do Golfo (1985).

A surpresa aconteceu no dia vinte e nove de novembro de 1984. O então diretor da CBF, Dílson Guedes, anunciou o nome de Telê Santana como novo treinador da seleção brasileira de futebol. Após dois meses de intensas negociações com os árabes, era confirmada a liberação do técnico em trinta e um de janeiro de 1985. Porém, uma indenização pedida pelos dirigentes do Al Ahli, fez a CBF desistir da contratação de Telê. Logo depois, a Confederação anunciou o nome de Evaristo de Macedo como novo técnico da seleção.

O time de Evaristo não implacou e foi duramente criticado pela Imprensa, o que culminou com a demissão do técnico. No dia vinte e três de maio, a CBF anunciou o nome do novo treinador: Telê Santana.

O treinador comandaria a seleção nas eliminatórias depois do Al Ahli conceder ao técnico uma licença de quarenta dias. O Brasil classificou-se para a Copa de 1986, no México, após eliminar Paraguai e Bolívia nas eliminatórias, com resultados iguais, dois a zero (2 x 0), no campo do adversário, e um a um (1 x 1) em casa.

Telê retorna à Arábia depois da classificação, mas permanece somente até o dia vinte e três de dezembro, quando desembarca no Brasil. Mesmo com o nome de Rubens Minelli sendo cotado para comandar a seleção, a nova diretoria da CBF, comandada por Otávio Pinto Guimarães e Nabi Abi Chedid, anuncia o nome de Telê para dirigir o time na Copa do Mundo.

Após vários incidentes durante a preparação, como a dispensa de Éder e Renato Gaúcho por indisciplina e o abandono do lateral-direito Leandro no dia do embarque para o México, a seleção chega à Guadalajara para disputar mais uma Copa.

Mesmo com Zico na reserva, recuperando-se de uma contusão, a Seleção vence todos os adversários na primeira fase da Copa - um a zero (1 x 0) contra a Espanha, um a zero (1 x 0) contra a Argélia e quatro a zero (4 x 0) contra a Irlanda do Norte. Nas oitavas-de-final, o time de Telê elimina a Polônia após aplicar uma goleada de quatro a zero (4 x 0).

Nas quartas-de-final, o Brasil jogaria contra a França de Michel Platini. O jogo acabou um a um (1 x 1) no tempo normal, com Zico perdendo um pênalti defendido pelo goleiro francês Bats. A prorrogação também terminou empatada em zero a zero (0 x 0). Na decisão por pênaltis, a França levou a melhor por quatro a três (4 x 3), com Sócrates e Júlio César desperdiçando suas cobranças.

A derrota acabou com o sonho de Telê de tornar-se campeão do Mundo pela seleção brasileira. Após a Copa, o técnico voltou para a Arábia Saudita para cumprir seu contrato com o Al Ahli, vigente até o final do ano.

A consagração

Seu período na seleção tinha terminado em 1986. Duas Copas, duas derrotas. A fama de *pé frio* continuava. Mesmo assim, Telê retorna ao futebol brasileiro e assume, mais uma vez, o comando do Atlético Mineiro, em sete de agosto de 1987. O Galo realiza a melhor campanha do campeonato brasileiro de futebol, chamado naquele ano de Copa União, só perdendo nas semifinais para o Flamengo.

No ano seguinte, o técnico acertou sua permanência no Atlético, levando o time ao título mineiro de 1988. Em outubro, Telê resolve assumir o comando do Flamengo, dizendo ser o último clube que trabalharia no Brasil. No comando do time carioca, o técnico conquistou somente a Taça Guanabara de 1989, perdendo a final para o Botafogo, que não conquistava um título desde de 1968. Uma discussão com o atacante Renato Gaúcho após uma derrota para o Corinthians, no Maracanã, pelo campeonato brasileiro, fez com que Telê pedisse demissão do clube.

No dia vinte e três de outubro, Telê assume o Fluminense, time do seu coração. O time foi eliminado do campeonato brasileiro e o técnico se despediu do clube nos primeiros dias de dezembro. Mesmo assim, o trabalho de Telê saiu reconhecido pelos jogadores e pela torcida.

Após comentar a Copa do Mundo de 1990, na Itália, para o Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, Telê assume a direção do Palmeiras pela segunda vez. No dia dezesseis de setembro, após uma derrota para o Bahia, pelo Campeonato Brasileiro, em pleno Parque Antártica, o treinador resolveu pedir demissão.

Telê desejava ficar um tempo afastado do futebol, mas uma proposta do diretor de marketing do São Paulo, Carlos Caboclo, o fez voltar a treinar uma equipe brasileira. A estrutura do tricolor paulista motivou o treinador a prosseguir no futebol.

Quando o técnico chegou ao São Paulo no final do ano, o time havia sido rebaixado para a Série B do Campeonato Paulista e estava em 12º (décimo-segundo) lugar no Campeonato Brasileiro. Em pouco tempo, Telê transformou o time, conquistando de início o vice-campeonato brasileiro de 1990, perdendo a final para o Corinthians, de Neto e Companhia.

No ano seguinte, o técnico iniciou a fase mais gloriosa da história do clube. Campeão brasileiro e paulista de 1991, o São Paulo garantiu presença na Taça Libertadores da América. No dia dezessete de julho de 1992, o São Paulo era campeão da Libertadores após vencer, nos pênaltis, a decisão contra o Newell's Old Boys, da Argentina, no Morumbi. O resultado das partidas foi de um a zero (1 x 0) para o adversário, na Argentina, e um a zero (1 x 0) para o tricolor, em São Paulo.

Nas férias do meio do ano, o tricolor foi excursionar na Europa. Como resultado trouxe três títulos: Troféus Ramon de Carranza, Tereza Herrera e Ciudad de Barcelona. As vitórias contra times tradicionais da Europa como Real Madrid quatro a zero (4 x 0) e Barcelona quatro a um (4 x 1), valorizam a campanha do time.

No final do ano, o São Paulo foi a Tóquio disputar a final do Mundial Interclubes contra o mesmo Barcelona. Com dois gols de Raí, o time garantiu a principal conquista do clube até aquela data. O título acabava de vez com a fama de *pé frio* de Telê. Além disso, o técnico e o clube conquistavam o respeito internacional devido ao futebol excepcional - bem característico do futebol brasileiro - como foi mostrado nas apresentações no exterior.

No mesmo ano, após o título Mundial, o São Paulo volta ao Brasil para mais uma decisão. O Palmeiras era o adversário na final do Campeonato Paulista de 1992. Na primeira partida antes da final em Tóquio, o São Paulo já havia vencido por quatro a dois (4 x 2). O segundo jogo serviu apenas para o clube confirmar o bicampeonato paulista. Resultado: dois a um (2 x 1) contra o milionário time palmeirense, agora patrocinado pela multinacional Parmalat.

1993 seria o ano da consagração de Telê. Mesmo perdendo Raí, vendido para o futebol europeu por três milhões de dólares, especificamente para o Paris Saint German, da França, o São Paulo conquista o Bicampeonato da Taça Libertadores da América, numa final contra a equipe da Universidad Católica do Chile. O time havia vencido a primeira partida por cinco a dois (5 x 2), no Morumbi, e mesmo perdendo a segunda por dois a zero (2 x 0) conseguiu garantir o título.

O segundo semestre resultaria em mais títulos para o São Paulo. O primeiro foi a conquista da SuperCopa dos Campeões da Libertadores, onde venceu o Flamengo, nos pênaltis, após duas partidas dramáticas.

Desclassificado do Campeonato Brasileiro, o São Paulo viajou para Tóquio, disputando assim mais uma final do Mundial Interclubes. O adversário era o poderoso Milan, da Itália. Com gols de Palhinha, Toninho Cerezo e Muller, o tricolor garantiu o bicampeonato, vencendo o time italiano por três a dois (3 a 2).

No ano seguinte, mesmo sem as principais estrelas do time, o São Paulo chegou à final, pela terceira vez consecutiva da Taça Libertadores da América. Todavia, o time foi derrotado, nos pênaltis, pelo Velez Sarsfield, da Argentina, em pleno Morumbi.

Neste ano, o São Paulo venceria também a Taça CONMEBOL. O time era composto pelos reservas e comandado pelo assistente-técnico Muricy Ramalho. A conquista contra o Corinthians valorizou os jovens, incentivados por Telê.

Telê deixou o São Paulo no final de 1995. Consagrado como vencedor e considerado por muitos como o melhor treinador brasileiro de todos os tempos. Afastado do futebol devido problemas de saúde, Telê foi convidado, no final do ano passado, para dirigir o time do Palmeiras. O técnico chegou a acertar o contrato com o time paulista, mas desistiu para recuperar-se da diabete. Mesmo assim, Telê ainda colabora com o futebol. Desde 1994, o treinador escreve textos, publicados todos os domingos, para o ‘Caderno de Esportes’ do jornal “*Folha de S. Paulo*”

O jornalismo esportivo

A análise¹¹³ sobre os textos de Telê Santana publicados no jornal *Folha de S. Paulo* demonstrou a preocupação do homem e do treinador com o futuro do futebol no Brasil. A opinião do treinador é relatada de maneira explícita e clara. Telê reage contra a desorganização do futebol dentro e fora do campo: fora, reclamando dos abusos dos cartolas e do jogo de interesse que circula no futebol e dentro, pela manutenção do jogo limpo por meio do *Futebol-arte* e da preservação da habilidade do jogador brasileiro. Telê aconselha os atletas sobre a postura do homem e do jogador na sociedade e no campo de futebol. Critica a imprensa, os dirigentes, os árbitros, os técnicos e os jogadores que prejudicam o espetáculo. Contudo, sempre elogia aqueles que lutam pelo progresso do futebol. O técnico é um observador atento, que relata e comenta o jogo como especialista.

Os textos regularmente fazem alusão ao *Futebol-arte* como uma forma de jogo que só beneficia o espetáculo. Desta maneira, Telê pretende mostrar suas convicções sobre o futebol. É o estilo agressivo do técnico e “jornalista”.

*“Continuam falando essa bobagem de que, em futebol, ou é jogar bem e perder, ou é mal e vencer. Acredito firmemente que se possa jogar bem e vencer. Não perdemos Copas anteriores por termos jogado bem. Aliás, mandar um time a campo para jogar bem é a obrigação de todo técnico. Vitórias ou derrotas são conseqüências”.*¹¹⁴

Quando comenta uma partida, Telê enfoca detalhes, demonstrando assim seus conhecimentos sobre futebol. Após o empate da seleção brasileira contra a Suécia na primeira fase da Copa do Mundo de 1994, Telê se dirige ao time desta maneira:

¹¹³ O período da análise se prendeu ao ano de 1994/1995, sendo que o recorte foi realizado de forma aleatória por se preocupar apenas em relatar alguns textos de Telê Santana publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

¹¹⁴ SANTANA, Telê. **Brasil deve sucesso aos seus jogadores**. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 15 de junho de 1994.

*“Foi em razão da falta de tranqüilidade que erramos tantos passes. É possível que os jogadores tenham recebido instruções para tocar a bola. Mas tocar não quer dizer jogar para trás, rolar a bola do central para o lateral, do lateral para o central, do central para o outro central. Além de inútil, é um espetáculo feio. Tocar a bola é como fazem os times de basquete, à espera de uma oportunidade para arremessar”.*¹¹⁵

A preocupação de Telê com o comportamento de alguns atletas e com a organização do futebol é uma constante em seus textos. Telê é o pai modelador dos atletas e o supervisor dos dirigentes do futebol. O atacante brasileiro Romário, considerado o melhor jogador do mundo em 1994, esteve metido em várias confusões no início de 1995, quando se transferiu para o Flamengo (RJ). O fato fez com que Telê “aconselhasse” o jogador. No mesmo texto, o treinador comenta sobre o início do campeonato paulista de futebol. A expectativa é um recado a árbitros e dirigentes.

Romário:

“Romário, conserve esse nome, mesmo que para isso tenha que deixar de lado alguns prazeres que poderão prejudicar você e aqueles que fizeram sacrifícios para trazê-lo”.

Campeonato Paulista:

“Agora vamos depender das arbitragens para que tenhamos um grande campeonato.

*Também, claro, são necessários bons estádios. Esse tem sido o maior problema até aqui”.*¹¹⁶

¹¹⁵ SANTANA, Telê. **Não dá pra entender tanta intranqüilidade.** *Folha de S. Paulo.* São Paulo: 1º de julho de 1994.

4.2. O Símbolo do *Futebol-arte*

Telê Santana sempre pregou em suas equipes um estilo voltado ao *Futebol-arte*. O trabalho de Telê privilegiava os craques e as belas jogadas sempre em função do conjunto. O treinador insistia nos fundamentos para os jogadores, como o passe e o domínio de bola. Assim, os jogadores habilidosos se aperfeiçoaram, ao mesmo tempo, que os jogadores carentes de técnica, conseguiram eliminar defeitos que podiam ser corrigidos através de treino. Não era de sua estratégia utilizar-se da violência e da cera para vencer uma partida. Pelo contrário, as equipes treinadas por Telê praticavam um futebol ofensivo, baseado no “jogo limpo”, com perfeito equilíbrio entre a defesa, o meio-campo e o ataque, buscando sempre o feito do maior número de gols e as belas jogadas individuais e coletivas.

Fora de campo, o treinador insistiu a favor do combate à violência e contra a desorganização do futebol: Telê alertava que o jogo violento poderia ser combatido de forma mais enérgica pelos árbitros, expulsando os infratores que cometessem um número exagerado de faltas, bem como, eliminando de campo aqueles que fizessem faltas intencionais. O gramado, o estádio, a bola, enfim a estrutura do espetáculo, tinham de estar em perfeitas condições para a exibição de um jogo de futebol. Telê nunca admitiu amadorismo no futebol. A desorganização do futebol, para o treinador, é fruto da falta de profissionalismo dos clubes e das federações. O torcedor tem de ser respeitado, porque é quem paga o ingresso para assistir ao espetáculo.

“A maneira de se jogar e a prática devem ser determinadas como as peças fundamentais para o futebol. Mas o que nós estamos vendo hoje, ainda hoje, no futebol, e principalmente no nosso futebol brasileiro, é que a entrada em campo é para decidir e definir a meu favor o futebol. Eu quero ganhar de qualquer maneira. O resto não interessa. Eu quero sair de campo com a vitória. É só isso que me interessa. Então, isso realmente acaba com o belíssimo futebol. É que muitos dizem que antigamente, os que

¹¹⁶ SANTANA, Telê. **Romário, deixe de lado os prazeres que te prejudicam.** *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 12 de fevereiro de 1995.

chamam e clamam pelo futebol antigo, eles dizem que são saudosistas e que são já pessoas passadas dentro do futebol. Mas a verdade é que havia um pouco mais de critério na decisão para chegar em campo e procurar jogar. Não vou dizer que não havia violência, também havia, mas não essa violência que existe hoje. Ainda agora, ontem mesmo, assistindo um jogo pela televisão, chegou um determinado momento, o repórter disse assim “Cometidas até agora sessenta e poucas faltas”. Quer dizer, esse é um número exagerado de faltas para uma partida de futebol. Eu, por exemplo, quando vou a campo, eu não vou para ver um jogador fazer falta no outro, eu vou para ver ele jogar bem, como deve ser jogado. Ali há um entendimento entre os jogadores para que tenhamos um bom conjunto, e neste conjunto então, que saiam as boas jogadas, e das boas jogadas então, vem a vitória e vem o título ou títulos. Assim que deve ser jogado o futebol. Por isso, é que eu sempre briguei e lutei pelo bom futebol.(...)

Devemos continuar a defender sempre esse futebol, independente da cabeça que sou eu, que procura praticar, ou se é outro técnico, ou se é um outro cronista que defende, mas a verdade é que todos nós temos que defender e procurar auxiliar nesse momento tão difícil do nosso futebol, e todo mundo sabe como é bom a gente ver um futebol bem jogado. Quando vai a campo é uma graça que a gente tem ao sair de campo satisfeito, do estádio satisfeito com o espetáculo que foi apresentado”.¹¹⁷

Telê Santana mereceu ser destacado nesta dissertação pela sua enorme contribuição para o desenvolvimento do futebol brasileiro, principalmente no ano de 1993, depois de conquistar com o São Paulo Futebol Clube, os títulos de bicampeão da Taça Libertadores da América e do Mundial Interclubes. O Brasil não ganhava dois campeonatos consecutivos destas competições há trinta anos, desde o Santos Futebol Clube, time de Pelé, em 1962/1963.

¹¹⁷ Entrevista com Telê Santana, exclusivamente para esta dissertação, realizada na cidade de Belo Horizonte em julho de 1997.

No período estudado, Telê Santana foi o responsável pelo ressurgimento do *Futebol-arte* no Brasil. Seus conceitos e idéias pregavam o futebol ofensivo e a valorização dos jogadores habilidosos. As partidas de sua equipe, o São Paulo Futebol Clube, valorizaram o espetáculo do futebol. As vitórias foram conquistadas com o talento dos jogadores, e não pelo *antijogo*, como no caso da seleção brasileira de futebol.

CAPÍTULO V

A IMAGEM DE TELÊ SANTANA E DO FUTEBOL-ARTE NO JORNALISMO DE ARMANDO NOGUEIRA

5.1. A Imagem construída por Armando Nogueira

O trabalho de Telê Santana foi um objeto importante para o presente estudo. Se no jornalismo Armando Nogueira ressaltou o jogo como espetáculo, no cenário esportivo o treinador aplicou o conceito do *Futebol-arte*.

Procurou-se analisar a figura de Telê, principalmente, por meio da opinião de Armando Nogueira, personagem principal da dissertação, fundamentada em trechos de matérias e em entrevista. De forma complementar, também foram coletadas opiniões e matérias de dois jornalistas que publicaram textos naquele período, caso de Alberto Helena Júnior, da “*Folha de S. Paulo*”, e Roberto Benevides, do “*O Estado de S. Paulo*”. Trechos de matérias de jornalistas e colaboradores, publicados nos dois jornais citados, durante o ano de 1993, também foram examinados para exemplificar o trabalho de Telê Santana no futebol. Alguns conceitos sobre o treinador foram elaborados por jornalistas e colaboradores, sendo destacados para melhor compreensão do trabalho do técnico no futebol.

Antes de apresentar a opinião e alguns textos de jornalistas e colaboradores, é essencial apresentar a matéria do correspondente Reali Júnior, publicada em cinco de janeiro do mesmo ano, no jornal “*O Estado de S. Paulo*”, com o objetivo de posicionar Telê Santana no ano de 1993.

“PARIS - *Depois de um período difícil, marcado pelo malogro no Mundial da Itália, em que o futebol brasileiro foi apresentado como decadente, ele volta a ser cotado no continente europeu como um dos*

melhores do mundo... Para os analistas europeus, o futebol brasileiro foi o melhor do mundo em 1992.

Quando o árbitro apitou a final de São Paulo X Barcelona, o futebol brasileiro fechou o ano mais brilhante de sua história, desde que Pelé abandonou a seleção. O Futebol está voltando as suas origens, mostrando o futebol que tanto agrada Telê Santana e nada tem a ver com a experiência catastrófica de Sebastião Lazaroni em 1990, na Itália. O jornal comenta que o futebol brasileiro ganhou tudo em 92, citando a vitória do Cruzeiro na Supercopa, a conquista do São Paulo na Libertadores da América, culminando com o título mundial em Tóquio. Meses antes, o time do Morumbi havia goleado o Real Madrid (4 a 0) e o próprio Barcelona (4 a 1), em torneios realizados na Espanha.

Telê, o responsável - *Os analistas europeus lembram que Telê Santana é um dos principais responsáveis pela evolução do Brasil, que voltou a ser o país a executar o jogo mais bonito do planeta. Ele também é o responsável pela explosão do jogador Raí, agora atração do Paris Saint Germain. Hoje, Telê é o treinador mais importante, e suas idéias se impõem cada vez mais, mesmo não sendo mais o técnico da seleção brasileira. Para a imprensa francesa o público foi quem mais ganhou - ‘um espetáculo exemplar pela delicadeza e habilidade de seus atores, além de uma alegria contagiante.’*
(...)

Todo mundo sabe que as opções de Parreira navegam entre a ousadia e a prudência e teme-se que ele possa optar por uma forma de jogar mais defensiva e discreta, o que comprometeria o futebol-espetáculo apresentado em 92. Telê seria o ‘futebol-audácia’, enquanto Parreira e Zagalo ainda hesitam um pouco entre duas fórmulas”.¹¹⁸

Telê Santana esteve sempre presente nos textos de Armando Nogueira como um personagem que defendeu a tradição do futebol brasileiro, representada pela doutrina do

¹¹⁸ JÚNIOR, Reali. Op.cit.

Futebol-arte. Quando se dirigia a Telê, o jornalista reconhecia e respeitava o trabalho e as idéias do treinador, exemplificando assim alguns de seus próprios conceitos sobre futebol.

A luta constante pelo espetáculo do futebol mostrou a imagem de um profissional que visualizou o esporte sem violência e desorganização. Para o jornalista, Telê Santana aplicou, na prática, o futebol ofensivo, cheio de gols construídos pelo talento do jogador brasileiro.

Telê foi exaltado como um *Dom Quixote*, um *cruzado do esporte brasileiro*, por criticar árbitros, dirigentes, treinadores e até jogadores que prejudicavam a apresentação do futebol como espetáculo.

No *Futebol-arte* de Telê Santana, o jogador apresenta suas qualidades técnicas e coletivas; os árbitros punem rigorosamente os infratores que abusam da violência e das regras do esporte; os dirigentes planejam e organizam a estrutura dos clubes e do calendário; os treinadores aplicam o jogo ofensivo em suas equipes, preservando o talento do atleta e coibindo o jogo bruto.

A imagem construída por Armando Nogueira foi de um personagem que combate o *Futebol-força* através da valorização dos jogadores talentosos, do jogo limpo, organizado, repleto de gols e jogadas individuais e coletivas. Enfim, a imagem de um técnico que sonha com um futebol quase perfeito, *com engenho e arte. Tal como prega o Capítulo I do Evangelho. Segundo o fiel discípulo Telê, filho de Santana*". (UJ1)

“O Telê simbolizou o futebol na medida em que ele investiu contra a arbitragem, ele investiu contra a violência, ele investiu contra a retranca, ele investiu contra a mediocrização do futebol com a valorização do cabeça-de-área, enfim ele tomou, assumiu uma atitude apostolar em defesa do futebol de espetáculo, do futebol de gol, do futebol ofensivo sem ser irresponsável, mas o futebol que buscasse o gol, que buscasse o espetáculo, que afinal de contas, se nós não inveredarmos por este caminho, nós e o

*resto do mundo do futebol, o futebol vai virar um jogo chatíssimo. Ele já é um jogo muito esquematizado demais, ele está muito preso à pranchetas, ele está muito preso a esquemas, entendeu, a 4-3-3, 5-3-2, e isso inibe a capacidade criativa do jogador. Então eu acho que embora a FIFA esteja se empenhando para modificar algumas coisas cristalizadas, negativas do futebol como espetáculo, ainda assim, falta muito para chegar, por exemplo, a perfeição ética, ao rigor ético das arbitragens, da cronometragem, do comportamento dos jogadores do basquete, por exemplo, para citar um esporte de corpo-a-corpo como o futebol”.*¹¹⁹

Apóstolo

O *Futebol-arte* de Telê Santana revela as apresentações do São Paulo Futebol Clube. A figura apostolar do comandante da equipe foi exaltada por Armando Nogueira em consequência do técnico valorizar a tradição do futebol brasileiro, trazendo o espetáculo de volta aos estádios.

“Eis que das trevas do antijogo desponta magnífica a bola do renascimento. Chegada pelas mãos providenciais do São Paulo, o mais iluminado entre os doze apóstolos. Eleito pelo senhor, tocou-lhe a incumbência de restituir ao rebanho dos estádios a santa alegria do futebol jogado com engenho e arte. Tal como prega o Capítulo I do Evangelho Segundo o fiel discípulo Telê, filho de Santana”. (UJ1)

Dom Quixote

O trabalho do treinador em prol do futebol brasileiro foi valorizado pelo jornalista. A constante luta de Telê pelo *Futebol-arte* fundamentou a idéia de um personagem que visualiza o esporte como espetáculo.

¹¹⁹ Entrevista com Armando Nogueira gravada pela empresa Xapuri Serviços de Comunicações Ltda em junho de 1997, exclusiva para esta dissertação.

“Pouca gente sabe que Telê, o Dom Quixote que há anos trabalha pela salvação do futebol, foi o primeiro caso de seqüestro do futebol brasileiro...” (UJ2)

Consciente

A constante preocupação com a integridade do atleta e com o jogo limpo caracterizou a batalha de Telê contra o *doping* no esporte. Armando compartilhou com as idéias do treinador, que pediu a aplicação do exame *antidoping* nas competições esportivas.

“Telê Santana tem inteira razão. O futebol brasileiro deve passar pelo crivo sistemático do antidoping. Quem pensar que ainda há esporte infenso ao flagelo da droga, de duas uma: Ou dorme de touca ou está de má-fé”.(UJ21)

Cruzado

A batalha de Telê para organização do futebol perturbou os dirigentes esportivos. Ao exigir melhores condições para a realização do espetáculo, o técnico foi mostrado como um digno representante do desporto no Brasil.

“A justiça esportiva de São Paulo adiou o julgamento de Telê. Já se sabe, contudo, que o técnico do São Paulo não escapa da suspensão. A maçonaria do futebol não tolera gente ativa. Poucas pessoas têm feito tão bem ao futebol quanto Telê. É um cruzado do esporte brasileiro”.(UJ31)

Modelo

O combate à violência foi uma das bandeiras empunhadas por Telê Santana. A valorização do jogo limpo foi uma das características de suas equipes, como a seleção brasileira de 1982 e o São Paulo Futebol Clube de 1992/1993. O Futebol-espetáculo era uma marca nas equipes de Telê. Assim, Armando pediu à FIFA que homenageasse o treinador pelos enormes serviços prestados ao futebol.

“Telê merece, isso sim, um prêmio pelo bem enorme que tem feito ao futebol. Bendita bronca que contesta o futebol defensivo, que prega o futebol de peito aberto: futebol de muito gol. Todas as arengas que arranjou, nos últimos anos, foram pela salvação de um esporte que estava morrendo de burrice, de insensatez, de fé duvidosa.

A FIFA precisa criar um belo troféu para consagrar gestos de criaturas como Telê Santana. Ninguém, no planeta do futebol, tem defendido o jogo limpo com o desassombro desse cruzado dos campos. É o nosso Dom Quixote. Ele condena a violência, sem hipocrisia. Ai do jogador do São Paulo que der uma entrada maldosa no adversário! Time que ele dirige joga futebol. Ganhando ou perdendo. O Brasil perdeu com ele, o Mundial de 82. Azar da própria Copa, que, muito antes da final, ficou privada da mais brilhante equipe do torneio. Aquela seleção de Telê está, hoje, na boa companhia da Hungria de Puskas, da Holanda de Cruyff e do próprio Brasil de Zizinho. Não conquistaram o Mundial, mas conquistaram o mundo...

Pelo que tem pregado, aos quatro cantos do mundo. Pelo que tem feito de bom, dentro e fora dos campos. Pelo cidadão honrado que sempre preferiu ser, no esporte e na vida. Pelo que lhe deve o Futebol-arte. Telê merece não uma multa, mas a singela distinção de indulgência plenária. “
(UJ33)

Reivindicador

Telê Santana se constituiu, para o jornalista, uma referência no futebol quando se discute a evolução do esporte e o respeito ao trabalho dos profissionais.

“Devagar a FIFA chega lá. Agora vai deixar que o técnico dê instruções, abertamente, à margem do campo. Uma prerrogativa que o basquete e o vôlei asseguram a seus treinadores. Uma antiga reivindicação de Telê, de Zagalo e de Parreira”. (UJ34)

Lúcido

A competência do treinador foi exibida pelo jornalista, que o indicou como leitura obrigatória quando o assunto é futebol.

“Duas leituras exemplares do bom futebol: A entrevista de Telê ao ‘Jornal do Brasil’, falando de seleção, e o artigo de Luiz Gonzaga Berluzzo, que me manda o jovem Paulo Áreas. Saiu na revista ‘Vip-Exame(...)

Lucidez, dentro de campo, com Telê; lucidez, fora de campo, com Berluzzo”. (UJ73)

Arejado

Armando Nogueira e Juarez Soares exaltaram as qualidades do trabalho do técnico. Telê Santana foi apresentado como um exemplo para outros profissionais. Suas equipes primoravam pelo futebol ofensivo e leal, característica básica do futebol brasileiro.

“Como diz meu amigo Juarez Soares, Telê, aos 60 anos, é o mais jovem e o mais arejado dos nossos técnicos. Time dele tem de ganhar, jogando bem e bonito. Time dele tem de suar a camisa, jogando lealmente”.(UJ82)

Idealista

As sugestões do treinador para o futebol procuravam fazer do jogo um espetáculo ainda mais atraente, aumentando o número de gols e diminuindo a quantidade de faltas. Reconhecimento às idéias revolucionárias de Telê.

“Telê quer ser ouvido pela Fifa. Diz que tem idéias a oferecer pra tornar o futebol mais atraente. Têm mesmo. O diabo é conseguir emplacá-las...” (UJ89)

Personalidade Esportiva

Telê Santana e Armando Nogueira foram premiados como as principais personalidades esportivas do ano de 1993, no Brasil. Notoriedade ao talento, esforço e competência de quem luta pela preservação da cultura brasileira através do futebol.

“Amanhã, Fortaleza estende tapete vermelho para receber João Havelange e Telê. Os dois recebem troféus na festa ‘Personalidades Esportivas do Ano’: o presidente da Fifa será aclamado o “Esportista do Século” e Telê Santana a ‘Personalidade Esportiva de 93’. Ao fundo, o locutor que vos fala, a quem também será entregue um troféu. Por sinal, o primeiro que me concedem em quase meio século de jornalismo esportivo. Estou começando bem...” (UJ96)

Mestre

Manter os times nacionais praticando um futebol de acordo com as doutrinas da escola brasileira, fundamentada pelo *Futebol-arte*. Fazer do jogo um espetáculo de cultura popular e de massa. Armando, pelo Brasil, condecora Telê.

“Para a felicidade geral da nação, Telê disse que fica no Brasil. Sinceramente, o nosso futebol deve muito a esse homem. Pelas idéias que ele defende e, sobretudo, pelo desassombro que as defende. Ainda é cedo para abrir mão da veemência do mestre Telê”.(UJ103)

5.2. A Imagem construída por outros Jornalistas Esportivos

Outros jornalistas esportivos compartilharam com a opinião de Armando Nogueira de que Telê Santana foi o principal personagem do futebol brasileiro no ano de 1993. Ambos compartilham a opinião de que o treinador foi o principal responsável pelo ressurgimento do *Futebol-arte* no Brasil, no início dos anos 90. A campanha pela melhoria

da qualidade do espetáculo foi fundamental na elaboração de alguns conceitos sobre a imagem de Telê Santana junto à imprensa.

A campanha contra a *violência* no futebol foi destacada por Alberto Helena Júnior. Segundo ele, Telê formulou um novo conceito no futebol brasileiro ao aliar competitividade e arte. Ou seja, para o treinador, a vitória faz parte do espetáculo. O resultado é conquistado pela habilidade dos jogadores e da sintonia do conjunto, não através do *pontapé*, retranca e jogo defensivo, que além de eliminar os gols e as jogadas, prejudicam a integridade física dos atletas. “*Telê, simplesmente, ama o futebol. O futebol jogado com ludicidade e lucidez. Com tempero e objetividade. Com malícia e seriedade*”.¹²⁰

A imagem de um treinador que tentou “*resgatar a qualidade poética do futebol brasileiro*”, foi como Roberto Benevides definiu Telê Santana. O trabalho do treinador no futebol se destacou pela crítica aos dirigentes e pela insistência na qualidade do espetáculo. Telê observou, para o jornalista, os detalhes que auxiliam na apresentação de um jogo de futebol, como o estádio, o gramado, a bola, a arbitragem, entre outros. A performance do atleta, dentro de campo, é fruto da aplicação nos treinamentos. Por isso, Telê exigia o máximo do jogador. Tudo devia estar em perfeitas condições para o espetáculo. “*O deputado Lucas Buzato havia proposto uma sessão solene da Assembléia Legislativa em homenagem a Telê Santana como reconhecimento a um brasileiro que tem mostrado a possibilidade de se alcançar o sucesso apenas com esforço e competência*”.¹²¹

Matinas Suzuki Júnior caracterizou o treinador como o principal personagem do futebol brasileiro nos anos 80 e 90. Ele dividiu o futebol brasileiro, das últimas quatro décadas, em duas fases: a fase Pelé, em que apenas o jogador apresentava o espetáculo, e a fase Telê, em que o técnico aliava individualidade ao planejamento tático. O jornalista fez do treinador um personagem sobrenatural, criando duas derivações para o *Futebol-arte* de Telê Santana: *beleza* (beleza no futebol) e *telear* (disputar e vencer com ética e beleza). Para

¹²⁰ HELENA JÚNIOR, Alberto. *Corinthians sonha em morar no Pacaembu. Folha de S. Paulo*. São Paulo: 04 de setembro agosto de 1994.

Matinas: “*O exemplo vencedor de sua luta no futebol deveria ser o exemplo de uma luta obrigatória em todas as esferas da sociedade brasileira*”.¹²²

A figura do treinador que se preocupava com o desenvolvimento técnico do atleta, conduziu o texto de José Miguel Wisnik sobre Telê Santana. Ao corrigir os defeitos do jogador, insistindo nos fundamentos e influenciando na formação do caráter, o treinador qualificava o atleta para a apresentação do espetáculo. “*Telê arca com esse papel solitário, inclusive na neurastenia com que lamenta cronicamente de ser, ele mesmo, o assumido portador da Lei num país sem ela*”.¹²³

Nando Reis e Marcelo Fromer trouxeram a preocupação de Telê Santana com o *Futebol-arte*, introduzindo um certo descontentamento com os treinadores que observam no jogo apenas a competição, sem se importar com o espetáculo. Para eles, o trabalho de Telê é um exemplo para os profissionais brasileiros. A figura de Telê é representada na seguinte frase: “*Meu amigo, vamos brindar esse público com um belo espetáculo?*”¹²⁴

Matthew Shirts destacou a competência do técnico na formação das equipes e dos jogadores de futebol. A preocupação com os fundamentos (passe, chute, domínio de bola, cabeceio etc) e com a infra-estrutura dos campeonatos e dos clubes determinou a participação de Telê Santana no futebol. “*Aliás, se eu fosse dono de uma multinacional, pagava o olho da cara para Telê Santana reorganizá-la*”.¹²⁵

Todos os jornalistas reconheceram a competência e a importância de Telê Santana no cenário esportivo no ano de 1993, introduzindo um conceito a mais sobre o trabalho do treinador: a capacidade de aliar o resultado ao espetáculo. Para eles, Telê buscava a vitória utilizando-se do talento do jogador e do conjunto.

¹²¹ BENEVIDES, Roberto. **Bola fora na Assembléia**. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: 16 de abril de 1994.

¹²² SUZUKI JÚNIOR, Matinas. **E então a gente faz amor por Telê-patia**. *Folha de S. Paulo* São Paulo: 14 de dezembro de 1993.

¹²³ WISNIK, José Miguel. **Dener não encontrou o treinador certo**. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 21 de abril de 1994.

¹²⁴ FROMER, Marcelo & REIS, Nando. **Não vamos tapar o sol com o Parreira**. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 1993.

¹²⁵ SHIRTS, Mattew. **Gringos da Fiel**. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: 04 de julho de 1994.

A figura de Telê serviu de aviso aos dirigentes, árbitros, treinadores e jogadores de que o futebol, além de esporte, é um espetáculo da cultura brasileira. Por isso, a necessidade de combater o *Futebol-força*, elemento que inibe a criatividade do atleta através da violência. Como disseram Nando Reis e Marcelo Fromer ao imaginar a conversa de Telê Santana com outro treinador: *“Você deixa o meu time jogar, que eu deixo o seu jogar também. Sem essa de matar a jogada, senão daqui a pouco a gente mata o futebol”*.

126

ALBERTO HELENA JÚNIOR - Colunista Esportivo da “Folha de S. Paulo”:

“Ele fez uma campanha contra o pontapé, contra a agressão, contra essa coisa toda. Eu acho que ele foi um precursor de tudo isso que aconteceu depois. Quer dizer, não conta a vitória de 94 porque eu não acho que ela seja emblemática de nada.

O Telê hoje se inscreve, não só como principal personagem desse período, quer dizer, ele é o maior técnico da história do Brasil, na prática e na teoria. Ele é um dos maiores personagens da história do futebol brasileiro em todos os tempos, como jogador e como técnico. Veja bem, ele foi o primeiro campeão brasileiro fora do eixo Rio-São Paulo. No primeiro campeonato brasileiro, antes só tinha Rio-São Paulo, ele foi o campeão, com o Atlético Mineiro. O bicho foi campeão com o Grêmio, quebrando também uma grande série de vitórias do Internacional. Ele pegou aqui o Palmeiras, um time vagabundo, e quase foi campeão, meteu quatro no time do Flamengo lá, que foi campeão do mundo. Quer dizer, é uma história que não é brincadeira, é incomparável. E foi técnico da seleção brasileira em duas copas do mundo. (...)

Ele significou, que conseguiu provar, no campo de jogo, que é possível você montar um time que pratique um futebol artisticamente muito bem elaborado, bem jogado, e ao mesmo

¹²⁶ FROMER, Marcelo & REIS, Nando. Op.cit.

*tempo competitivo a ponto de ser bicampeão do mundo, sem grandes contratações, sem ir buscar, sem montar um supertime no sentido de contratar jogadores. Não, não, utilizando os recursos limitados de um clube brasileiro, que é o São Paulo...”*¹²⁷

Imortal

“Telê, realmente, hoje, se inscreve na galeria dos imortais, no mesmo salão onde se exibem os bustos de Flávio Costa, Zezé Moreira, Oswaldo Brandão...”

Curioso que ninguém ganhou a Copa do Mundo, mas deixaram sua marca indelével, mais até que Feola, Aimoré, Zagalo, os que nos deram o tri. Como técnico, atingiu o topo com dois times - símbolos de sua visão sobre futebol: a seleção de 82, considerada por todos como a melhor do planeta, e o São Paulo, campeão do mundo. Ambos praticavam um futebol com a eficiência dos tempos atuais e com a beleza do passado”

*É tão flagrante que chega a ser obscena a competência de Telê Santana. Quem viu a vitória do São Paulo sobre o Lazio, em Lã Corunã, pela Bandeirantes, por certo virou o rosto, corado de malícia vergonha. Sem Zetti, Cafu, Vítor, Válber, Pintado, Cerezo, Raí, Palhinha, Muller e o reserva Elivélton - um time inteiro - , em menos de um mês Telê remontou uma equipe cintilante. Sem uma estrela sequer. Chega a ser um acinte.*¹²⁸

Sério

“É que Telê é um desses raros espécimes que não se nutre apenas de vitórias, como esses antropófagos de gravata e paletó, fala macia, capazes de devorarem a própria galinha que produz os ovos de ouro. Telê, simplesmente, ama o futebol. O futebol jogado com ludicidade e lucidez. Com tempero e objetividade. Com malícia e seriedade.

¹²⁷ Entrevista gravada com Alberto Helena Júnior na cidade de São Paulo em agosto de 1997.

¹²⁸ HELENA JÚNIOR, Alberto. **Raí é a chave do segredo para a vitória.** *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 15 de agosto de 1993.

Seu tricolor jogou bem contra o Velez. Merecia ganhar; perdeu muitos gols. Para Telê, o que importa é só a primeira parte; a outra pertence a Deus” .¹²⁹

ROBERTO BENEVIDES: Editor de Esportes do “O Estado de S. Paulo”

“O que diferencia o Telê do ponto de vista técnico, que é o que faz a diferença, vamos chamar, artística, é que o Telê é um técnico que trabalha mais do que todos os outros os fundamentos, e trabalha exaustivamente isso, e cultua isso. Quer dizer, o Telê exige permanentemente que seus jogadores saibam passar, saibam driblar, saibam chutar e treina isso. Os times do Telê são times bem acabados, como tem sido, nos últimos tempos, também os times do Wanderley Luxemburgo. Quer dizer, que trabalha nos detalhes. O Telê exige isso. Com o Telê, o Cafu passou a acertar cruzamentos. Depois o Telê saiu do São Paulo, o Cafu saiu do São Paulo, voltou a errar cruzamentos porque parou de treinar.(...)”

Pois é o que eu te digo: Isso daqui eu estava falando (o texto acima) da implicância com características pessoais dele. Isso não tem nada a ver com a qualidade do futebol. Isso daí é aquele negócio de reclamar da bola, reclamar do campo. Tem que ver que é uma preocupação dele com a qualidade do espetáculo. Mas é isso que incomodava os cartolas. Não tem que ver por esse lado. Não é porque ele é um artista, um jogador de futebol que(...) não é, a cartolagem ficava brava. Ficava brava porque ele diz: ‘Não dá para jogar nesse campo. Não dá para jogar com esse juiz.’ Eu acho que ele tem de reclamar da bola mesmo, tem de reclamar do campo, às vezes tem de reclamar da arbitragem. Isso distingue também o Telê de outros técnicos brasileiros. Ele tem uma visão quase holística do futebol. Quer dizer, ele vê tudo. No São Paulo,

¹²⁹ Alberto Helena Júnior. Op.cit.

dos técnicos mais velhos, eu digo os que têm mais de sessenta anos, ele é o que mais se atualizou. No sentido que ele soube entender a importância dos modernos métodos de preparação física, de alimentação, do avanço da medicina esportiva, tudo isso o Telê soube entender. Coisa que é muito rara em técnicos da faixa de idade dele.(...)

O Telê, a imagem, desses anos, ficou a imagem de um criador querendo resgatar a qualidade poética do futebol brasileiro. Sem nenhuma dúvida, isto era claro na imprensa”.¹³⁰

Íntegro

“Impressionante como a integridade pessoal e profissional de Telê Santana incomoda muita gente - e não apenas nos campos e nos tapetes do futebol. Os Cartolas da Federação Paulista, alguns até da CBF, e seus comparsas espalhados pelos tribunais de araque da chamada justiça desportiva vivem perseguindo o técnico, que tem o maior índice de admiração entre os torcedores brasileiros - como é o caso da suspensão que lhe foi imposta recentemente pelo TJD.

O deputado Lucas Buzato havia proposto uma sessão solene da Assembléia Legislativa em homenagem a Telê Santana como reconhecimento a um brasileiro que tem mostrado a possibilidade de se alcançar o sucesso apenas com esforço e competência.¹³¹

OUTROS TEXTOS:

MATINAS SUZUKI JÚNIOR: colunista esportivo do jornal “Folha de S. Paulo”

Teleza

¹³⁰ Entrevista gravada com Roberto Benevides na cidade de São Paulo em junho de 1997.

¹³¹ BENEVIDES, Roberto. Op.cit.

“Eu pensava comigo mesmo: a idiota da objetividade está desconsiderando o fator sobrenatural que responde por um nome bastante simples: Telê.

Trata-se de um nome que bem poderia ganhar algumas derivações na língua portuguesa do Brasil: Telesa, por exemplo, poderia passar a significar a beleza no futebol (a maneira como o time tal joga é uma “telesa”)...

E assim como o espanhol tem o verbo “pelear” (admitido também no sul-americano pelo Aurélio), isto é, disputar, nós teríamos o verbo “telear”, que significa um pouco mais: disputar e vencer com ética e beleza. Como um esteta romântico alemão, ele já disse: “a vitória é sublime”

Pode-se afirmar que o futebol brasileiro das últimas quatro décadas está dividido em duas fases, quase que idênticas sonoramente: a fase Pelé e a fase Telê...

Como os grandes gênios da raça, de Machado de Assis a Caetano Veloso, Telê Santana pegou o que havia de mais moderno no mundo e fez uma re-elaboração local que seria desenvolvida no nível do melhor da linguagem universal.

A lição de Telê Santana, hoje em dia, no Brasil de hoje, precisa ser maior do que a lição do futebol: ele milita contra o atraso, contra a má digestão, contra a falta de ética, contra todas as forças que querem paralisar um radical processo de modernização. O exemplo vencedor de sua luta no futebol deveria ser o exemplo de uma luta obrigatória em todas as esferas da sociedade brasileira...

“At Play in the Fields of God “. Brincando - ou jogando - nos campos do Senhor. Telê Santana, o semeador.¹³²

JOSÉ MIGUEL WISNIK - professor de literatura brasileira da USP e colaborador da “Folha de S. Paulo”:

¹³² SUZUKI JÚNIOR, Matinas. Op.cit.

Modelador

*“No futebol brasileiro, Telê Santana assumiu o papel modelar de Pai que forma e transforma o jogador, fazendo com que ele surja e ressurja metamorfoseando pelos limites que são impostos, e ao mesmo tempo pela extraordinária liberdade que ele conquista. Telê arca com esse papel solitário, inclusive na neurastenia com que lamenta cronicamente de ser, ele mesmo, o assumido portador da Lei num país sem ela”.*¹³³

NANDO REIS E MARCELO FROMER: músicos do grupo “TITÃS” e colaboradores do caderno de esportes da “Folha de S. Paulo”.

Cavalheiro

*“Numa imagem fictícia, imaginamos que, se fosse possível um acordo utópico de cavalheiros, Telê se dirigiria ao técnico oponente dizendo: Meu amigo, vamos brindar esse público com um belo espetáculo? Você deixa o meu time jogar, que eu deixo o seu jogar também. Sem essa de matar a jogada, senão daqui a pouco a gente mata o futebol”.*¹³⁴

MATTHEW SHIRTS: norte-americano, jornalista, tradutor e historiador brasilianista, autor de vários ensaios sobre cultura brasileira, é colaborador do “O Estado de S. Paulo”:

Gerente

“O futebol de 82 pode ser lido como uma junção original de esquemas de organização e gerenciamento de talentos individuais. Conseguiu o que todas as grandes empresas do mundo buscam hoje, desesperadamente: sistemas de organização que estimulam a criatividade

¹³³ WINISK, José Miguel. Op.cit.

¹³⁴, FROMER, Marcelo & REIS, Nando. Op.cit.

*individual. Aliás, se eu fosse dono de uma multinacional, pagava o olho da cara para Telê Santana reorganizá-la”.*¹³⁵

¹³⁵ SHIRTS, Matthew. Op.cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o ano de 1993, Armando Nogueira proporcionou aos jornalistas, estudantes, pesquisadores e leigos a oportunidade de descobrir como o jornalismo esportivo pode contribuir para que o futebol continue sendo um patrimônio da cultura popular e se mantenha como um espetáculo da cultura de massa no Brasil.

Nesta dissertação, procurou-se analisar, primeiramente, o conteúdo das publicações do autor, elaborando assim um perfil de seu trabalho no jornalismo. Os quase cinquenta anos de carreira caracterizaram Armando Nogueira como um dos principais profissionais do país, devido à autenticidade dos textos e sua relação com a história do jornalismo brasileiro. No estudo, a *coluna* foi identificada como o gênero preferido do autor, sendo a *crônica* e o *comentário* introduzidos apenas em ocasiões especiais.

Durante a pesquisa temática, observou-se também o ecletismo do autor com relação aos temas. Mesmo sendo o esporte o assunto central, Armando Nogueira não hesitou em relatar temas ligados ao organismo social e ao próprio jornalismo. O esporte, contudo, prevaleceu durante as suas publicações.

Diversas modalidades esportivas foram retratadas pelo autor, como o basquete, o vôlei, o automobilismo, o tênis, entre outras. No entanto, o *futebol* foi identificado como o tema principal de seu trabalho, sendo estudado separadamente após a escolha de um tema-eixo relacionado aos principais fatos ocorridos no ano de 1993, período escolhido para a pesquisa.

O tema-eixo *Futebol-arte / Futebol-força* baseou-se em dois acontecimentos que marcaram o cenário esportivo brasileiro naquele ano - a participação do selecionado nacional na disputa das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos da América, e a conquista do Bicampeonato Mundial Interclubes pela equipe do São Paulo Futebol Clube.

Durante a análise das publicações, observou-se a preocupação do autor com a descaracterização, pela seleção brasileira, da tradição nacional de se jogar futebol - o denominado *Futebol-arte*. Assim, o futebol foi relacionado com a cultura popular brasileira, bem como seu advento nos meios de comunicação de massa. Desta forma, a teoria propiciou uma maior compreensão dos textos de Armando Nogueira.

As publicações de Armando Nogueira se fundamentaram na exaltação do *Futebol-arte*, conduzido pelo talento dos jogadores, a ofensividade, o combate à violência e ao futebol de resultados - o denominado *Futebol-força*. Alguns conceitos e sugestões do autor para o futebol foram então extraídos dos textos publicados no *Estadão*.

A análise proporcionou uma melhor compreensão do trabalho do jornalista diante de certos problemas que atingem o futebol brasileiro, como, por exemplo, a desorganização, a violência e a desvalorização do atleta talentoso. O *Futebol-força* traduziu-se assim como responsável por esses fatores, por apresentar um estilo de jogo contrário à tradição do *Futebol-arte*.

Neste contexto, a seleção brasileira de futebol foi identificada com o *Futebol-força* e a equipe do São Paulo Futebol Clube com o *Futebol-arte*, sendo que o primeiro valorizava o *resultado* e o segundo exaltava o *espetáculo*.

No cenário esportivo, o trabalho de Telê Santana, treinador do São Paulo Futebol Clube, refletia o conteúdo das mensagens de Armando Nogueira, pois seu conceito sobre futebol valorizava o jogo como espetáculo, e combatia o resultado.

Telê respeitou a tradição do futebol brasileiro, aplicando, em sua equipe, um estilo de jogo baseado na ofensividade, na exploração da individualidade pelo conjunto e no combate à violência. Suas idéias extrapolaram as quatro linhas do campo de futebol. A crítica às arbitragens e à desorganização eram freqüentes, quando fatores extracampo prejudicavam a exibição do futebol como espetáculo. O técnico havia vencido dois

mundiais interclubes com o time do São Paulo respeitando o *Futebol-arte*. Por isso, suas idéias e conceitos foram fundamentais para o futebol brasileiro em 1993.

Tornou-se necessário, nesta dissertação, apresentar o trabalho de Telê Santana, por meio de opiniões e textos de jornalistas e colaboradores. Se no jornalismo Armando Nogueira defendia o futebol brasileiro, no cenário esportivo, o ex-treinador aplicava os conceitos do *Futebol-arte*. Assim, seria possível mostrar a imagem de Telê Santana construída por Armando Nogueira, comparando suas avaliações com o material de outros profissionais ligados ao jornalismo.

Armando Nogueira relacionou o personagem com o *Futebol-arte*, em consequência da campanha do treinador pela melhoria na qualidade do espetáculo. A violência e a desorganização no futebol foram combatidas por Telê pela valorização dos jogadores talentosos, do jogo limpo, organizado, repleto de gols e jogadas individuais e coletivas, exemplificados nas apresentações e na infra-estrutura mostrada pelo São Paulo Futebol Clube.

Alberto Helena Júnior, Roberto Benevides, Matinas Suzuki Júnior, José Miguel Wisnik, Matthew Shirts, Nando Reis e Marcelo Fromer compartilham com as formulações de Armando Nogueira, destacando a competência e a importância do treinador para o ressurgimento do *Futebol-arte* no Brasil, no início dos anos 90. Também introduziram um novo conceito na imagem do treinador: a capacidade de aliar o resultado ao espetáculo.

Paradoxalmente, após 1993, a seleção brasileira de futebol continuou a desrespeitar a tradição brasileira do *Futebol-arte*. Em 1994, o futebol resumiu-se ao resultado final da Copa do Mundo - zero a zero (0 x 0). A seleção brasileira conquistou assim o tetracampeonato mundial, mesmo sem apresentar o estilo do *Futebol-arte*. Contudo, o futebol nacional saiu derrotado da Copa do Mundo, em especial, porque o talento do jogador se objetivou apenas pelo resultado, encobrendo assim a beleza do espetáculo representado pela efervescência das jogadas individuais e coletivas, que mostram ao público uma parcela da cultura brasileira.

*“O Futebol-arte é intuição. O Futebol-arte é invenção. O Futebol-arte é delicadeza no trato com a bola. O Futebol-arte é um drible, é um passe de calcanhar, é um drible inesperado, é uma finta, é um gol de voleio. Este é o Futebol-arte, é o requinte, é o refinamento do esporte. O esporte elevado à culminância da arte”.*¹³⁶

¹³⁶ Entrevista com Armando Nogueira gravada pela empresa Xapuri Serviços de Comunicações Ltda em junho/97, exclusiva para esta dissertação.

BIBLIOGRAFIA

- BAHIA, Juarez. **Jornal: História e Técnica**. 3ª ed. São Paulo: IBRASA, 1972.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRUNI, José Carlos. **Dossiê Futebol**. In Revista USP. São Paulo: EDUSP, 1994.
- CANAL, José Carlos Teixeira. **Telê Santana: o Futebol Como Missão**. [TCC] São Paulo: ECA/USP, 1994.
- CASTAÑON RODRÍGUEZ, Jesus. **El Lenguaje Periodístico del Fútbol**. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, Universidad, D.L. 1993.
- CASTRO, Rui. **Estrela Solitária. Um Brasileiro Chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CRUYFF, J. **Futebol Total**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.
- DAMATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural: o Carnaval como Rito de Passagem**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. **Explorações: Ensaio de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986a.
- _____. **O que Faz o Brasil, Brasil ?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986b.
- _____. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Koogan, 1990.
- DIAS, Marlon. **Armando a Jogada**. [TCC] Londrina: CECA/UEL/Londrina, 1995.
- DUARTE, Orlando. **Futebol: Histórias e Regras**. São Paulo: Makron Books, 1993.
- _____. **Todas as Copas do Mundo**. São Paulo: Makros Books, 1994.
- ERBOLATO, Mário. L. **Jornalismo Especializado**. São Paulo: Atlas, 1981.
- FILHO, Mário. **Viagem em Torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.
- _____. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.
- FONSECA, Ouhides João Augusto. **O Cartola e o Jornalista - Influência da Política Clubística no Jornalismo Esportivo**. [Tese] São Paulo: ECA/USP, 1981.
- GOLDGRUB, F. **Futebol: Arte ou Guerra?**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- GOOD, W.; HATT, P. **Métodos em Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- GRESSLER, C.P. **Futebol: Empolgante Espetáculo Esportivo**. Porto Alegre: Ed. Univ. Caxias do Sul, 1978.
- HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HEIZER, Teixeira. **O Jogo Bruto das Copas do Mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- HOHENBERG, John. **O Jornalista Profissional**. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.
- KRIPPENDORFF, K. **Metodologia de Análisis de Contenido**. Ediciones Paidós, 1990.
- LEVER, Janet. **A Loucura do Futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MANN, P. **Métodos de Investigação Sociológica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- MÁXIMO, João. **João Saldanha: Sobre as Nuvens da Fantasia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX (O espírito do tempo - 1 - NEUROSE)**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MOURA, Roberto Murchon de. **O Negro e o Futebol no Brasil**. São Paulo, UFRJ, 1978.
- NOGUEIRA, Armando e outros. **A Copa que Ninguém Viu e a que não Queremos Lembrar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- _____. **Bola na Rede**. São Paulo: José Olympio, 1974.
- _____. **Bola de Cristal**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- _____, e NETTO, A. **Drama e Glória dos Bicampeões**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.
- _____. **Na Grande Área**. Rio de Janeiro: Bloch Editora, 1966.
- _____. **O Homem e a Bola**. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- _____. **O Vôo das Gazelas**. Editora Civilização Brasileira, 1991.
- NOGUEIRA, Armando. e outros. **O Melhor da Crônica Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- PATUSKA, Araken. **Os Reis do Futebol**. São Paulo: Bentivegna, 1976.
- PEDROSA, Milton. **Gol de Letra: o Futebol na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Gol, 1967.
- _____. **O Olho na Bola**. Rio de Janeiro: Gol, 1968.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- RAMOS, Roberto. **Futebol: Ideologia do Poder**. Petrópolis: Vozes, 1984. RODRIGUES, Nelson. **À Sobra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. **A Pátria de Chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SALDANHA, João. **Na Boca do Túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968.
- SCARDUELLI, Paulo. **Ayrton Senna: Herói da Mídia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SCLIAR, Salomão & RIBEIRO, Marco Aurélio de Oliveira. **A História Ilustrada do Futebol Brasileiro**. 4º v. São Paulo: Edobrás, 1968.
- SELLTIZ, Claire e outros. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: EPU, 1974.
- SOARES, Edileusa. **A Bola no Ar: o Rádio Esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.
- SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- TÁVOLA, Artur da. **Comunicação é Mito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Periódicos

- ANUÁRIO BRASILEIRO DE MÍDIA - 1997. São Paulo: Editora Meio & Mensagem, 1997.
- A GAZETA ESPORTIVA. **Edição 50 anos**. 10 de outubro de 1997.
- O ESTADO DE S. PAULO. **A Copa no Mundo**. 07 de junho de 1982.
- _____. **A Copa no Mundo**. 20 de julho de 1982.
- BENEVIDES, Roberto. **Bola fora na Assembléia**. *O Estado de S. Paulo*: 16 de abril de 1994.
- FROMER, Marcelo & REIS, Nando. **Não vamos tapar o sol com o Parreira**. *Folha de S. Paulo*: 1993.

_____. **Brasil dá vexame no “Parque dos Sapos”.** *Folha de S. Paulo*: 25 de abril de 1994.

HELENA JÚNIOR, Armando. **Zetti foi uma vítima da comissão técnica.** *Folha de S. Paulo*: 08 de agosto de 1993.

_____. **Rai é a chave do segredo para a vitória.** *Folha de S. Paulo*: 15 de agosto de 1993.

_____. **A questão não é o sistema, é o homem.** *Folha de S. Paulo*: 09 de março de 1994.

_____. **Ficou na Copa um Brasil desfigurado.** *Folha de S. Paulo*: 07 de julho de 1994.

SUZUKI JÚNIOR, Matinas. **E então a gente faz amor por Telê-patia.** *Folha de S. Paulo*: 14 de dezembro de 1993.

JÚNIOR, Reali. **Futebol brasileiro volta a ser respeitado na Europa.** *O Estado de S. Paulo*: 05 de janeiro de 1993.

NOGUEIRA, Armando. **Na Grande Área.** *O Estado de S. Paulo*: 25 de dezembro de 1992.

_____. **Quanta saudade!** *O Estado de S. Paulo*: 17 de agosto de 1994.

SANTANA, Telê. **Brasil deve sucesso aos seus jogadores.** *Folha de S. Paulo*: 15 de junho de 1994.

_____. **Não dá pra entender tanta intranqüilidade.** *Folha de S. Paulo*: 1º de julho de 1994.

_____. **Romário, deixe de lado os prazeres que te prejudicam.** *Folha de S. Paulo*: 12 de fevereiro de 1995.

SHIRTS, Matheus. **Gringos da Fiel.** *O Estado de S. Paulo*: 04 de junho de 1994.

WINISK, José Miguel. **Dener não encontrou o treinador certo.** *Folha de S. Paulo*: 21 de abril de 1994.

Unidades jornalísticas

OBS: Todos os textos de Armando Nogueira, intitulados “Na Grande Área”, foram publicados Caderno de Esportes do jornal “*O Estado de S. Paulo*”, durante o ano de 1993. A referência abaixo foi elaborada de acordo com o Banco de Dados do *Estadão*.

UJ1 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Telê Santana). Barcelona, um Troféu. Passaporte. Jan.1, 2:5.

UJ2 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Idade no esporte). Memória Visual. Telê Santana Jan.3, 1:4.

UJ3 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Estrangeiros que jogam em times franceses). Frases que o tempo levou. Jan.6, 1:4.

UJ4 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Otto Lara Resende). Jan.10, 2:5.

- UJ5 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Romário). Jan.13, 2:5.
- UJ6 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Hana Kornikova, Paula, Pelé). Jan.17, 2:5.
- UJ7 - Cad. Esp. Na Grande Área.(Futebol: Garrincha - 10 anos de morte). Jan.20, 2:5.
- UJ8 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Atletismo: duelo Carl Lewis e Lindford Christie). Pressão Conjugal (Zico). Renato, bem vindo. F-Indy: 4 a 1. Passaporte: Jan.24, 2:5.
- UJ9 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Edmundo, Palmeiras, Vasco da Gama). Jan.27, 2:5.
- UJ10 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Bandeirantes, gols históricos. (Mundial de 70 na Globo. Foram apagadas as fitas de todos os jogos do Brasil). A hora do Adeus. Jan.31, 2:5.
- UJ11 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Futebol Americano). Via Láctea. Fev.3, 2:5.
- UJ12 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Eleição de melhor futebolista pela FIFA). Aliança espúria (Depredação do Morumbi). Paula é o basquete. A luz das quadras (Agressão - Hortência). Fev.7, 2:5.
- UJ13 - Cad. Esp. Na Grande Área. Haja mãe. Passaporte. Fev.10, 2:5.
- UJ14 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Basquete brasileiro). Fev.10, 2:5.
- UJ15 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Futebol, Vôlei de Praia, Basquete, Atletismo). Fev.17, 2:5.
- UJ16 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Jogo Brasil x Argentina e Mike Tyson). Fev.21, 2:5.
- UJ17 - Cad. Esp. Na Grande Área. Mergulho de Campeão. Uma louca aventura... Passaporte: Fev.25, 2:5.
- UJ18 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Goleiros - Gilmar). Passaporte. Fev.28, 2:5.
- UJ19 - Cad. Esp. Na Grande A volta de Nádia. Jóias de Zico. Passaporte.Mar.3, 2:5.
- UJ20 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Seleção Brasileira de Futebol). O professor Taffarel (Livro “Come diventare portiere”). Dose dupla no ar. (Programa Cartão Verde, na TV Cultura). O novo golpe de Steffi (Roupas ousadas na quadra). Mensagem captada (Lamartine Babo). Passaporte. Mar.7, 2:5.
- UJ21 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Telê). Chame o Neto!. Ganidos de Saudade. Passaporte.Mar.10, 2:5.
- UJ22 - Cad. Esp. Na Grande Área. Segunda-Feira. (Flamengo despede seu treinador, Carlinhos). (Inglaterra sepulta Bobby Moore).Mar.14, 2:5.
- UJ23 - Cad. Esp. Na Grande Área. Pulmões de Cubatão. Jô reclama guerra... Passaporte. Mar.17, 2:5.

UJ24 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Atletas brasileiros). Colarinho 38 (seleção brasileira de futebol). Mar.21, 2:5.

UJ25 - Cad. Esp. Na Grande Área. F-Indy x F-1. A Sentença Bíblica. “Morte” de Mark Twain. Passaporte. Mar.24, 2:5.

UJ26 - Cad. Esp. Na Grande Área. O Homem só 20%. O esporte é a vitrine. Suspensão inteligente. Mil graus centígrados. A mão do homem. Mar.28, 3:1.

UJ27 - Cad. Esp. Na Grande Área. A bomba do amor. Chico versus Chico. Passaporte. Mar.31, 2:5.

UJ28 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Assis Chateaubriand). Abr.4, 2:5.

UJ29 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Árbitros e comemorações de gols). Ana, o teu autógrafo (Ana Moser). Abr.7, 2:5.

UJ30 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Livro de Sérgio Cabral sobre a vida e a obra de Ary Barroso). Abr.11, 2:5.

UJ31 - Cad. Esp. Na Grande Área. Lei do Impedimento. Passaporte. Abr.14, 2:5.

UJ32 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Prost demonstrou que não entende Ayrton Senna). Nota ao ministro. (Ministro Hargreaves e a crise dos Ultraleves). Abr.18, 2:5.

UJ33 - Cad. Esp. Na Grande Área. A causa é nobre. (Telê Santana). A conquista do Mundo. Indulgência Plenária. Jogadora insensata. (Hortência). Passaporte. Abr.21, 2:5

UJ34 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Dener). O cara-de-pau. (Macedo). Cocaína, uma droga. (Caniggia). Abr.25, 2:5.

UJ35 - Cad. Esp. Na Grande Área. In Vino Coca. O Xis dos Calções. Alê, Alê, Trebian! Passaporte. Abr.28, 2:5.

UJ36 - Cad. Esp. Na Grande Área. Gol de Letra. (São Paulo x Flamengo). Conselho de Mestre. (Pancho Segura Cano). De Gabi a Arantxa. (Carlos Alberto Kirmayr). Linha dura na quadra. (Doping no Tênis). Mai.2, 2:5.

UJ37 - Cad. Esp. Na Grande Área. (As andorinhas e o espaço aéreo). Lua cheia de trapinhos. (Bola de Meia). O deslumbrado. (Dener). Mai.5, 2:5.

UJ38 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Nigel Mansel na praia onde mora). Mais um brasileiro. Santo menino. (Júnior Baiano). Caruaru em Mantes. Passaporte. Mai.9, 2:5.

UJ39 - Cad. Esp. Na Grande Área. Uma torcida, uma guerra. (S.Paulo). A missão Caixa D'Água. (Ações do futebol carioca em Tóquio). Da boca pra fora. (Raí). O Olhar de Nelson. (Nelson Rodrigues). O Diamante Negro. (Leônidas da Silva). Mai.12, 2:5.

UJ40 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Gentil Cardoso). Uma opereta. (Didi). Primeiro Violino. (Moacir). Uma noite de rei. Mai.16, 2:5.

UJ41 - Cad. Esp. Na Grande Área. (São Paulo na Libertadores). Camisa de paixão. (Corinthians no Paulista). Clube Fechado. (Atletismo brasileiro). Mai.19, 2:5.

UJ42 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Jogo - São Paulo x Universidad Católica). A salvação da festa. Herança bendita. O quarto pé. Mai.23, 2:5.

UJ43 - Cad. Esp. Na Grande Área. (São Paulo). Consulta médica. (Vasectomia). Tudo, menos time. (Seleção Brasileira de Futebol). Mai.26, 2:5.

UJ44 - Cad. Esp. Na Grande Área. (São Paulo). Três graminhas. (Stefan Edberg). A pátria amada. (Hortênciã). Mai.30, 2:5.

UJ45 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Seleção Brasileira de Vôlei Masculino). Otto Bíblico. (Otto Lara Resende). Atleta do Demo. (Palhinha e César Sampaio). Jun.2, 2:5.

UJ46 - Cad. Esp. Na Grande Área. Salvo pela bola...sete. (Alberto Goldgaber). Um energúmeno. (Jimmy Courier). Passaporte. (Pelé está fazendo tratamento geriátrico com um especialista, em São Paulo). Jun.6, 2:5.

UJ47 - Cad. Esp. Na Grande Área. Os meus fantasmas. Na próxima encarnação. Passaporte. Jun.9, 4:5.

UJ48 - Cad. Esp. Na Grande Área.(Final de Campeonato, no Maracanã). A razão da multidão. Jun.13, 9:5.

UJ49 - Cad. Esp. Na Grande Área. O quinto gol. O brio e o brilho. Passaporte. Jun.16, 2:5.

UJ50 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Decisão do Campeonato Carioca: Vasco e Fluminense). Escola de Pilotos. Passaporte. Jun.20, 2:5.

UJ51 - Cad. Esp. Na Grande Área. Chile bom de bola. Da água pro vinho. A falta de ar. Jun.23, 2:5.

UJ52 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Seleção Brasileira de Futebol). Desfolhando a Margarida. (Árbitro Margarida). De olho na Fifa. (Pelé). Na mão e no pé. (Renan). Jun.27, 2:5.

- UJ53 - Cad. Esp. Na Grande Área. Cafu, o espartano. Violinos e surdo...Bichinho amestrado. Jun.30, 2:5.
- UJ54 - Cad. Esp. Na Grande Área. Obra de garimpeiro. Os segredos de Maradona. Jul.4, 2:5.
- UJ55 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Steffi Graf). Faz de conta. (Seleção Brasileira de Futebol). Sua Alteza Martina. (Martina Navratilova). Jul.7, 2:5.
- UJ56 - Cad. Esp. Na Grande Área. Um perna-de-pau. Seu “Eurico” se mandou... No pescoço do torcedor. Jul.11, 2:3.
- UJ57 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Seleção Brasileira de Futebol). Jul. 14, 2:5.
- UJ58 - Cad. Esp. Na Grande Área. Os três reservas. A muleta do cartolino. A voz do torcedor. Jul.18, 2:5.
- UJ59 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Seleção Brasileira de Futebol). Jul.21, 2:5.
- UJ60 - Cad. Esp. Na Grande Área. Fama e Fortuna. A vertente da seleção. O velho Neném. Jul.25, 2:5.
- UJ61 - Cad. Esp. Na Grande Área. O nó de Mauro. A dica do craque. Antologia do futebol. Jul.28, 2:5.
- UJ62 - Cad. Esp. Na Grande Área. Vendo fantasmas. A sinfonia de Camari. Ago.1, 2:5.
- UJ63 - Cad. Esp. Na Grande Área. Dois é demais... E Palhinha? Um exemplo mundial. Passaporte. Ago.4, 2:5.
- UJ64 - Cad. Esp. Na Grande Área. A seleção caseira. Sórdido e sublime. (Jogador Edmundo). Chumbo grosso. (Vai contar em livro as intimidades do tênis feminino). Ago.8, 2:5.
- UJ65 - Cad. Esp. Na Grande Área. (crônica - cartolas). Ago.11, 2:5
- UJ66 - Cad. Esp. Na Grande Área. Um alento ao coração. As quatro feras. Território saturado. Dois de prontidão. Haja coração. (Seleção Brasileira de Futebol). Ago.15, 2:5.
- UJ67 - Cad. Esp. Na Grande Área. (crônica). Ago.18, 2:5.
- UJ68 - Cad. Esp. Na Grande Área. Camisa-símbolo. Ago.22., 2:5.
- UJ69 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Seleção Brasileira de Futebol). Ago.25, 2:5.
- UJ70 - Cad. Esp. Na Grande Área. A arma boliviana. A multa dos craques. Ago.29, 2:5.

UJ71 - Cad. Esp. Na Grande Área. Um dó no peito. Parreira na medalhinha. O inconsciente da Granja. O prelúdio da epopéia. Toma lá dá cá. (Seleção Brasileira de Futebol). Set.1, 2:5.

UJ72 - Cad. Esp. Na Grande Área. Esporte de Lua. Um desaforo. O ar do diabo. (Seleção Brasileiro de Futebol). Set.5, 4:5.

UJ73 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Seleção Colombiana de Futebol). O Diamante Negro. (Leônidas da Silva). Telê e Belluzzo. (Luís Gonzaga Belluzzo). Hospício, depressa. (Seleção Brasileira de Futebol). Set.8, 2:5.

UJ74 - Cad. Esp. Na Grande Área. Os dois pivetes. (Romário). Set.12, 2:5.

UJ75 - Cad. Esp. Na Grande Área. Em brancas nuvens, Antes de todos. Ando, logo penso. (Brasil na Copa de 50). Set.15, 2:5.

UJ76 - Cad. Esp. Na Grande Área. Chega o grande dia do Brasil, em que o Maracanã renasce para o futebol num jogo de lembranças. Set.19, 2:5.

UJ77 - Cad. Esp. Na Grande Área. Romário é mesmo muito melhor que os outros. No Maracanã, reviveu Pelé. Pelé, sim senhor. Corta-luz de capeta. O lampejo de Pelé. Por favor, Romário! Set.22, 2:5.

UJ78 - Cad. Esp. Na Grande Área. Futebol, 2000. Banco de onze. Set.26, 2:5.

UJ79 - Cad. Esp. Na Grande Área. A retumbante Karina vai ser também brasileira e deverá jogar na seleção com Paula e Hortência. Set.29, 2:5.

UJ80 - Cad. Esp. Na Grande Área. Esporte é comigo mesmo. Não levo jeito, mas gosto de tudo. Out.3, 2:5.

UJ81 - Cad. Esp. Na Grande Área. Deve ser uma provação lidar com ovelhas negras. Em compensação, jogam pra burro. Out.6, 2:5.

UJ82 - Cad. Esp. Na Grande Área. Tributo a Aurélio. (Aurélio Miguel). Out.10, 2:5.

UJ83 - Cad. Esp. Na Grande Área. Parreira disse que prefere ficar com as convicções para escalar o time do Brasil da melhor maneira. Out.13, 2:5.

UJ84 - Cad. Esp. Na Grande Área. Ele se sentiu o carrasco de um povo. Se tivesse que jogar de novo aquela final faria um gol contra. (Obdúlio Varela). Out.17, 2:5.

UJ85 - Cad. Esp. Na Grande Área. De repente, Pelé resolveu soltar a língua. E, Paris criticou a organização do nosso futebol. Out.20, 2:5.

UJ86 - Cad. Esp. Na Grande Área. O vira-latas campeão. O mistério Garrincha. Operação Pés Limpos. Out.24, 2:5.

UJ87 - Cad. Esp. Na Grande Área. Hoje em dia, temos bons goleiros e Ronaldo é uma demonstração disso. Out.27, 2:5.

UJ88 - Cad. Esp. Na Grande Área. San Lorenzo, da Argentina, se considera time de “Los hermanos de Pelé”. Até uma goleada de 7 a 1. Out.31, 2:5.

UJ89 - Cad. Esp. Na Grande Área. Campeonato Brasileiro. Nov.3, 2:5.

UJ90 - Cad. Esp. Na Grande Área. A psicologia do esporte ensina mil técnicas de controle mental e dá notáveis resultados. Nov.7, 2:5.

UJ91 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Futebol Paulista) O fim do Mundo. (Futebol Carioca). Viva o tênis. O arcanjo Vinícius. (Vinícius de Moraes). Nov.10, 2:5.

UJ92 - Cad. Esp. Na Grande Área. Araújo Neto descobriu, na Itália, a história de um brasileiro enganado em busca do Eldorado. Nov.14, 2:5.

UJ93 - Cad. Esp. Na Grande Área. A Mãe Joana. (Calendário do Futebol Brasileiro). Os velhos e os novos. (Seleção Brasileira de futebol). Sobra de Campeão. (Bjorg Borg). Todo o cuidado é pouco. (São Paulo). A parada argentina. (Seleção de Futebol). Nov.17, 2:5.

UJ94 - Cad. Esp. Na Grande Área. Ironia do futebol. (Raí). Tudo contra. (Parreira). Nov.21, 2:5.

UJ95 - Cad. Esp. Na Grande Área. Rifar Edmundo é uma decisão ousada. Mas ele está me saindo um energúmeno de marca maior. Com sabor de iogurte... Nov.24, 2:5.

UJ96 - Cad. Esp. Na Grande Área. Edmundo não fez gols, mas provocou na defesa rival os estragos que precedem o gol. Haja paciência. Nov.28, 2:5.

UJ97 - Cad. Esp. Na Grande Área. O jogo antes do jogo. O dinheiro que rola no tênis profissional é de endoidar qualquer “Anão do Orçamento”. Dez.1, 2:5.

UJ98 - Cad. Esp. Na Grande Área. O Corinthians não tem sido mais o mesmo. Perdeu a virgindade e, com ela, um pouco de seu encanto. Dez.5, 2:5.

UJ99 - Cad. Esp. Na Grande Área. Palmeiras. O leite das crianças. Serenidade, rapaz! Dez.8, 2:5.

UJ100 - Cad. Esp. Na Grande Área. Em estado de graça. O Palmeiras é o requinte. O vitória, a objetividade. Que os dois nos dêem um domingo de festa. Dez.12, 2:5.

UJ101 - Cad. Esp. Na Grande Área. A vitória do Milan. Bilheteria, hoje, não sustenta nem time de futebol de botão. Nossos clubes tem de cair na real. Dez.15, 2:5.

UJ102 - Cad. Esp. Na Grande Área. Os novos baianos...Poder de fogo. Os verdinhos da vitória. Dez.19, 2:5.

UJ103 - Cad. Esp. Na Grande Área. (Torcedor Edílson). Papo furado. (Sorteio da Copa). Dez.22, 2:5.

UJ104 - Cad. Esp. Na Grande Área. Esquecer, quem há de? (Retrospectiva 93 do esporte). Dez.26, 2:5.

UJ105 - Cad. Esp. Na Grande Área. Na batalha, no medalha... Com a corda toda. (Jimmy Connors). A receita de Martina. (Navratilova). Dez.29, 1:1.